

Telmo Mória

ASPECTOS DA SEMÂNTICA DO OPERADOR *QUALQUER* *

"The meaning of *any* is a many-splendored thing. No example, in itself, could suffice to exhibit its wide variety of aspects."

Vendler (1967), *Linguistics in Philosophy*

0. NOTA PRÉVIA: OBJECTIVOS E ALGUMAS (DE)LIMITAÇÕES DE PARTIDA

O presente trabalho visa apresentar um tratamento geral, tanto quanto possível integrado, dos diferentes valores semânticos que a expressão *qualquer* pode assumir no português contemporâneo. A prossecução deste objectivo implica a realização de duas tarefas distintas em simultâneo: em primeiro lugar, a identificação e caracterização dos valores semânticos assumidos por esta expressão e, em segundo lugar, a descrição dos contextos ela pode assumir cada um desses valores. A necessidade de realizar estas duas tarefas, de identificação e caracterização, por um lado, e de análise de distribuição, por outro, resulta do facto de a expressão *qualquer* apresentar duas particularidades que tornam a sua análise especialmente complexa: em primeiro lugar, pode assumir uma grande diversidade de valores - de quantificação, mas não só -, o que pode justificar que se considere que estamos perante um caso bastante rico de homonímia, e, em segundo lugar, tem uma distribuição fortemente condicionada, só podendo ocorrer num número muito limitado de contextos (o que se traduz, geralmente, na necessidade de esta expressão estar dependente de determinados operadores - de modo, tempo-aspecto e negação, por exemplo - para que a sua ocorrência seja legítima).

Procurar-se-á ter em conta, ao longo de todo o trabalho, o comportamento semântico da expressão inglesa *any*, equivalente à expressão portuguesa em grande parte dos contextos em que esta pode ocorrer, e que coloca o mesmo tipo de problemas de diversidade (cf. citação em epígrafe) e de dependência de operadores de legitimação¹. Esta proximidade de valor e de comportamento sintáctico permitirá aproveitar dos vários trabalhos publicados sobre a expressão inglesa importantes elementos para a caracterização do comportamento da expressão portuguesa. Importa, contudo, salientar que não é objectivo do presente trabalho

* Agradeço ao Prof. João Peres a leitura atenta das diversas versões preliminares deste texto e as inúmeras sugestões e comentários de que a presente versão muito beneficiou.

¹ Cf., por exemplo, Carlson (1981: 8): "English Noun Phrases exhibiting the determiner *any* have (...) a limited distribution: they may not appear freely in all NP positions." ou ainda Davison (1980: 11): "Unlike most quantifiers in English, *any* is dependent both for its interpretation and its well formed use on other elements in the sentence in which it is used."

apresentar uma análise comparativa exaustiva destas duas expressões, mas tão somente chamar a atenção para um importante conjunto de regularidades que condicionam a distribuição de ambas as expressões e ainda para a impossibilidade de a expressão inglesa assumir alguns dos valores que a expressão portuguesa assume.

A abordagem feita neste trabalho apresenta ainda outras importantes (de)limitações - que desejavelmente serão superadas em trabalhos posteriores -, que passo a explicitar:

(i) A formalização dos problemas é, em geral, insuficiente. Este facto prende-se com as dificuldades, já referidas em Peres (1987: 313-314), que o tratamento da expressão *qualquer* coloca e que resultam essencialmente do envolvimento de subsistemas da gramática pouco teorizados e formalizados - modo-modalidades, negação, tempo-aspecto - e ainda, acrescentaria eu, da interferência de valores de ordem pragmática. Assim, embora se tente com frequência abordar as questões numa perspectiva formal, este trabalho assume um carácter predominantemente descritivo.

(ii) Como o título indica, a análise feita neste trabalho centra-se na expressão *qualquer*. Serão tidas em conta tanto a sua ocorrência em posição pré-nominal como a sua ocorrência em posição pós-nominal (sendo de notar que, neste último caso, a expressão surge associada a uma forma de determinante - *um(a)* - em posição pré-nominal, que considerarei geralmente como um elemento do operador descontínuo *um(a)... qualquer*, equivalente do operador pré-nominal simples *qualquer*). Embora sejam feitas referências esporádicas a outros membros da "família *qualquer*" (cf. Peres, 1987: 313) - como sejam as formas plurais *quaisquer* e *quaisquer n* (onde *n* está por um numeral plural) ou a forma *qualquer (de)*, que ocorre em estruturas de tipo partitivo -, não será apresentado um tratamento sistemático destes operadores, cujas propriedades, eventualmente não coincidentes na totalidade com as da expressão aqui estudada, importará analisar em separado.

1. INTRODUÇÃO: SOBRE A DIVERSIDADE DE VALORES QUE A EXPRESSÃO QUALQUER PODE ASSUMIR

Como já foi referido, a expressão *qualquer* - tal como acontece com a expressão *any* do inglês - evidencia um comportamento bastante diversificado do ponto de vista semântico. Esta diversidade é, aliás, na verdade, bem maior que a que geralmente tem sido referida na literatura - quer para a expressão portuguesa quer para a expressão inglesa -, onde se consideram essencialmente valores de quantificação universal e valores de quantificação existencial. Como se poderá observar ao longo deste trabalho, verifica-se que: (i) a expressão *qualquer* (bem como a expressão *any*) pode estar associada a pelo menos três valores distintos de quantificação nominal: universal, existencial e numeral (cardinal); (ii) a expressão *qualquer*

(bem como a expressão *any*) pode quantificar sobre expressões que denotam pelo menos três tipos distintos de entidades: entidades discretas e entidades não discretas de dois tipos, a saber, massas e valores (de propriedades) em escalas; (iii) a expressão *qualquer* pode estar associada à expressão de outros valores que não os de quantificação, designadamente: valores de irrestrição ou modificação nula, identificação vaga de entidades (não exprimível pela expressão inglesa *any*) e valores de modificação de tipo adjectival de sentido pejorativo. O somatório destas distintas possibilidades referenciais dá-nos (pelo menos) oito valores semânticos distintos que a expressão *qualquer* pode exprimir. Passo a enumerá-los juntamente com alguns exemplos ilustrativos.

(i) *qualquer* como operador de quantificação universal (sobre entidades discretas)

- (1) Qualquer peixe sabe nadar.
- (2) Qualquer pessoa que cometa uma infracção ao código da estrada será multada.
- (3) O Paulo é mais alto que qualquer pessoa nesta sala.

(ii) *qualquer* como operador de quantificação existencial (sobre entidades discretas)

- (4) O Paulo não conhece qualquer livro do Chomsky.
- (5) Se ele tivesse visto qualquer pessoa, teria avisado.

(iii) *qualquer* como operador de quantificação massiva

- (6) OK/?Não há qualquer vinho nestes tonéis.
- (7) OK/?Não há qualquer ouro em reserva no Banco de Portugal.

(iv) *qualquer* como operador de quantificação escalar

- (8) Ele não teve qualquer pejo em dizer o que disse.
- (9) Não tenho qualquer responsabilidade no assunto.

(v) *qualquer* como modificador nulo (ou irrestritor) em estruturas de quantificação cardinal

- (10) Traz qualquer livro dessa estante!
- (11) Ocupa qualquer lugar! Estão todos vagos.

(vi) *qualquer* como operador de identificação vaga em estruturas de quantificação existencial

- (12) A Rita tem qualquer problema.
- (13) Passa-se qualquer coisa estranha naquele edifício.

(vii) *qualquer* como operador de identificação vaga em estruturas de quantificação cardinal

- (14) Houve um terramoto num país qualquer da Ásia.
- (15) Houve uma pessoa qualquer que me disse que o Paulo ia chegar amanhã, mas não me recordo de quem foi.

(viii) *qualquer* como modificador de tipo adjectival de sentido pejorativo

- (16) Ele não é um escritor qualquer. Já foi galardoado com vários prémios.
- (17) Ele é um escritorzeco qualquer que ninguém conhece.

Cada um destes valores será analisado individualmente nas secções e subsecções que se seguem, onde, como já foi referido, para além da caracterização dos valores semânticos assumidos, se analisará a distribuição da expressão em termos de posição pré ou pós-nominal e em termos de operadores que legitimam a sua ocorrência e se verificará a possibilidade ou impossibilidade de a expressão inglesa *any* poder assumir os mesmos valores.

2. QUALQUER COMO OPERADOR DE QUANTIFICAÇÃO UNIVERSAL

Como referi anteriormente, a expressão *qualquer* pode funcionar como um operador de quantificação universal (sobre entidades discretas) em frases como (1)-(3), acima apresentadas e que abaixo se repetem renumeradas.

- (18) Qualquer peixe sabe nadar.
- (19) Qualquer pessoa que cometa uma infracção ao código da estrada será multada.
- (20) O Paulo é mais alto que qualquer pessoa nesta sala.

Nestes tipo de contextos, o quantificador *qualquer* pode ser parafraseado por expressões como: *todo o, todos, todos e cada um de, todo e qualquer*.

O quantificador universal *qualquer* ocorre geralmente na posição pré-nominal típica dos determinantes, como se pode verificar nos exemplos dados. A sua ocorrência em posição pós-nominal, associada à partícula *um* em posição pré-nominal (com a qual forma um quantificador descontínuo) dá origem a estruturas sobre cujo estatuto de gramaticalidade não há unanimidade entre os falantes, apesar de a maioria tender a considerá-las marginais ou muito marginais. Observem-se os exemplos seguintes, equivalentes a (18)-(20) (e que parecem revelar uma variação de gramaticalidade em função dos contextos):

- (21) ?Um peixe qualquer sabe nadar.
- (22) ???Uma pessoa qualquer que cometa uma infracção ao código da estrada será multada.
- (23) *O Paulo é mais alto que uma pessoa qualquer nesta sala.

Quanto à expressão inglesa *any*, o valor de quantificação universal é também um dos valores que esta expressão pode tipicamente assumir. Observem-se os três exemplos seguintes, que traduzem as três frases do português acima consideradas:

- (24) Any fish can swim.
- (25) Anybody that goes against the highway code regulations will be fined.
- (26) Paul is taller than anyone in this room.

2.1. ESPECIFICIDADE DO QUANTIFICADOR UNIVERSAL *QUALQUER*

A hipótese de a expressão *qualquer* (ou *any*) ser, nos contextos apresentados, um quantificador universal coloca o problema de saber qual a especificidade desta expressão na classe dos quantificadores universais, uma vez que o seu comportamento apresenta, como veremos em seguida, bastantes idiosincrasias. Comparem-se, por exemplo, as seguintes frases:

- (27) Todos os peixes sabem nadar.
- (28) Qualquer peixe sabe nadar.
- (29) Todos os livros que nós encomendámos chegaram.
- (30) *Qualquer livro que nós encomendámos chegou.
- (31) Quando soou o alarme, todas as pessoas abandonaram a sala.
- (32) *Quando soou o alarme, qualquer pessoa abandonou a sala.

Estes exemplos mostram que o quantificador universal *qualquer* (à semelhança do quantificador universal *any*) tem uma distribuição fortemente condicionada, não podendo ocorrer em muitos dos contextos em que outros operadores de quantificação universal podem surgir. Este facto tem sido imputado na literatura (a propósito da expressão inglesa *any*) à necessidade de existir, no contexto em que surge este quantificador, um operador - designado na gíria como *trigger* - que legitime a sua ocorrência. No caso das frases (28), (30) e (32), por exemplo, penso que podemos imputar os contrastes de gramaticalidade à presença, na predicação de (28), de um valor temporo-aspectual Genérico, legitimador da ocorrência do quantificador (cf. proposta de Peres, 1987: 316), e à presença, nas predicções de (30) e (32), de um valor aspectual Perfeito, aparentemente incompatível (na generalidade dos casos²) com o quantificador universal *qualquer*.

² Com excepção de determinados contextos comparativos (e possivelmente alguns modais) - cf. exemplos (61), (62) e (86) deste subcapítulo -, o valor aspectual [+ Perfeito] parece ser incompatível com o quantificador universal *qualquer*. Creio ser esta restrição, que se aplica também ao quantificador inglês *any*, que explica a agramaticalidade de algumas estruturas que em Vendler (1962, 1967) se apresentavam como exemplo da impossibilidade da ocorrência de *any* em frases declarativas simples:

- (i) *I saw any tigers. (Vendler, 1962: 131)
- (ii) *Any doctor told me what to do. (*ibid.*)
- (iii) *I asked any doctor... (Vendler, 1967: 92)

Dado este comportamento específico do quantificador universal *qualquer* no que respeita à sua distribuição, uma análise e caracterização adequadas desta expressão passam naturalmente, para além de pela definição da classe dos seus operadores legitimadores - que tentarei fazer na subsecção seguinte -, por uma tentativa de encontrar uma justificação para as restrições impostas. Por outras palavras, impõe-se uma reflexão sobre o significado desta expressão nos contextos apresentados, que dê conta das seguintes interrogações: se o operador *qualquer* (ou *any*) é meramente um quantificador universal indistinto de outros quantificadores universais, como se justificam as suas idiosincrasias, designadamente a sua distribuição tão fortemente condicionada? Se não é meramente um quantificador universal, então em que é que se distingue dos outros quantificadores universais, o que equivale a perguntar, por exemplo, em que é que se distinguem frases como *qualquer peixe sabe nadar* e *todos os peixes sabem nadar* ou *todo o peixe sabe nadar*? Em suma, a questão que se coloca é, como acima referi, a de saber qual a especificidade do operador *qualquer* (ou *any*) no quadro dos operadores de quantificação universal.

Defendo a hipótese, que adiante explicitarei de forma mais detalhada, de que a expressão *qualquer* (bem como *any*) é um quantificador universal não distinto, do ponto de vista das suas propriedades formais, dos outros quantificadores universais, ou seja, trata-se de uma expressão que designa uma função de conjuntos para famílias de conjuntos, cuja definição, idêntica à de outros quantificadores universais, pode ser explicitada da seguinte maneira (utilizando o tipo de notações de Barwise e Cooper, 1981):

$$(33) \text{ [[qualquer]] } (A) = \{ X \subseteq E \mid A \subseteq X \}$$

Assim sendo, assumo que frases como *qualquer peixe sabe nadar* e *todos os peixes sabem nadar* ou *todo o peixe sabe nadar* são semanticamente equivalentes (no sentido em que são verdadeiras ou falsas exactamente nas mesmas circunstâncias), apesar de possuírem formas de quantificador distintas. Considero que a especificidade da expressão em análise radica num conjunto de propriedades - de natureza essencialmente pragmática - que, não se reflectindo embora na sua definição formal, condicionam a sua ocorrência, limitando-a a um número restrito de contextos. Esta afirmação pressupõe obviamente a hipótese, que assumo, de que existem informações pertinentes para a interpretação dos quantificadores (como sejam certas informações de cariz pragmático) que não são representáveis na sua definição formal.

A atribuição à expressão *qualquer* (ou *any*) de um valor de quantificação universal semelhante ao de expressões como *todos* ou *todo o* (*grosso modo* equivalentes, no inglês, a *all* e *every*) não é incontroversa, tendo sido contestada por vários autores. De entre estes, salientarei Goldsmith e Woisetschlaeger, que em "The Semantics of Positive Any" (1980) rejeitam frontalmente a atribuição de valores idênticos a estes distintos tipos de expressões, afirmando

lapidariamente que "the logic of *any* is strikingly different from that of such universal quantifiers as *all*, or *every*" (p. 154). Consideremos então os argumentos destes autores e a sua pertinência no que respeita ao comportamento semântico do operador português *qualquer*.

Segundo Goldsmith e Woisetschlaeger (1980), a função da expressão *any* em contextos do tipo que estamos a considerar é a formulação de "generalizações que obedecem a princípios" ("principled generalizations"; cf. p. 154), facto que supostamente distingue esta expressão de operadores de quantificação universal "in the usual sense" como *all* e *every* (no português, *todos* e *todo o*) e explica, pelo menos parcialmente, as diferenças de distribuição existentes entre estas várias expressões. Observemos as seguintes duas frases do inglês, apresentadas pelos autores, seguidas das respectivas traduções para o português:

(34) All friends of yours are friends of mine.

(35) Todos os teus amigos são meus amigos.

(36) Any friend of yours is a friend of mine.

(37) Qualquer amigo teu é amigo meu.

De acordo com Goldsmith e Woisetschlaeger (1980: 154), frases como (34) e (36) diferem pelo menos no seguinte aspecto: em (34), com o quantificador *all*, temos a "descrição neutra de uma pura coincidência" e quantificação universal "no sentido usual"; em (36), com o quantificador *any*, temos uma "declaração de solidariedade", uma "generalização que obedece a princípios". Contrastes como estes levaram os autores a considerar que *any* não é propriamente um quantificador universal, mas um operador que permite formular determinado tipo de generalizações.

No que respeita ao português, penso que há pelo menos dois argumentos que permitem refutar a hipótese de distinção destes operadores proposta em Goldsmith e Woisetschlaeger (1980). O primeiro resulta da constatação de que tanto o operador *qualquer* como os operadores *todos* e *todo o* podem integrar frases cujo valor é o de uma generalização (embora a utilização do operador *qualquer* possa eventualmente ser mais frequente nesses contextos). Observem-se as seguintes frases:

(38) A partir de agora, todos os teus amigos são meus amigos.

(39) A partir de agora, todos quantos forem teus amigos são meus amigos.

(40) Quem é teu amigo é meu amigo.

Como se pode verificar, as frases (38) e (39), que integram o quantificador *todos*, representam generalizações do tipo das que estão presentes nas frases com os operadores *qualquer* e *any*. Em (40), regista-se ainda uma forma alternativa de representar este tipo de generalizações, que consiste no uso de uma oração relativa sem antecedente exposto (ou relativa livre) a que

está subjacente um valor de quantificação universal. Creio, aliás, que o recurso a este tipo de orações relativas corresponde à forma mais natural de, no português, se fazer este tipo de afirmações de carácter genérico (cf., por exemplo, a frequência deste tipo de estruturas no discurso proverbial³). No inglês, parece-me verificar-se a mesma possibilidade de utilizar relativas sem antecedente exposto para fazer este tipo de afirmação. Veja-se:

(41) *Whoever is a friend of yours is a friend of mine.*

A hipótese de que não existe diferença entre os distintos operadores do português considerados, no que respeita à possibilidade de eles servirem para formular generalizações (que obedecem a princípios), é ainda corroborada através da gramaticalidade de exemplos como os seguintes:

(42) *Qualquer rapaz da tua idade sabe o que é um míssil balístico intercontinental e tu nem sequer ouviste falar nisso.*

(43) *Todos os rapazes da tua idade sabem o que é um míssil balístico intercontinental e tu nem sequer ouviste falar nisso.*

(44) *Qualquer rapaz da tua idade sabe o que é um míssil balístico intercontinental. Só tu é que não sabes.*

(45) *Todos os rapazes da tua idade sabem o que é um míssil balístico intercontinental. Só tu é que não sabes.*

Em Goldsmith e Woisetschlaeger (1980) opõem-se as noções de "generalização (que obedece a princípios)" e "quantificação universal no sentido usual". Penso que o aspecto fundamental que permite distinguir estas duas noções é o seguinte: como se pode verificar na definição formal apresentada em (33), existe quantificação universal (para Goldsmith e Woisetschlaeger, 1980, "no sentido usual") quando existe uma relação de inclusão entre o conjunto denotado pela expressão nominal *a* que se aplica o quantificador (A) e o conjunto denotado pela expressão predicativa relevante da frase (X). Trata-se de uma relação, importa acentuar, que afecta todos os membros do conjunto A sem excepção. Penso que uma generalização envolve o mesmo tipo de relação de inclusão (do conjunto denotado pela expressão nominal *a* que se aplica o quantificador universal no conjunto denotado pela expressão predicativa relevante da frase), mas que são admissíveis excepções, isto é, uma frase que contenha uma generalização pode ser verdadeira enquanto tal (enquanto generalização) mesmo que um ou mais membros do conjunto denotado pela expressão nominal *a* que se aplica o quantificador universal não pertençam ao conjunto denotado pela expressão predicativa relevante da frase. Exemplificando, uma frase como *qualquer peixe sabe nadar* pode ser verdadeira enquanto

³ Vd. Lopes (1992)

generalização mesmo que existam no universo um ou mais peixes, que por qualquer razão genética ou patológica, não saibam nadar. Penso que esta possibilidade de existência de excepções em generalizações pode ser considerada uma interferência de cariz pragmático no valor lógico do quantificador universal (cf. definição dada em (33)).

A importância destes factos para a discussão da especificidade do comportamento do quantificador *qualquer* resulta do facto de a interferência deste factor de natureza pragmática - que afecta os quantificadores universais em contextos de generalizações - afectar não apenas o operador *qualquer*, mas também operadores como *todos* e *todo o*, o que contraria a hipótese de que estes operadores se distinguem pela possibilidade/impossibilidade de permitirem formular generalizações (que obedecem a princípios). Assim, creio que frases como *todos os peixes sabem nadar* ou *todo o peixe sabe nadar* podem igualmente ser consideradas como expressão de uma generalização que admite excepções. A plena aceitabilidade das sequências de frases (43) e (45) demonstra ainda, de forma bastante expressiva, a possibilidade de um operador como *todos* estar envolvido em afirmações de carácter genérico, sujeitas à interferência pragmática referida. Note-se que nestas sequências a existência de uma excepção é expressa no enunciado e que esse facto não invalida a utilização do quantificador *todos*.

O segundo dos argumentos que me levam a considerar que a distinção entre os quantificadores *any* e *all/every* proposta em Goldsmith e Woisetschlaeger (1980) não se aplica no português aos quantificadores *qualquer* e *todos/todo o* resulta da constatação de que o operador *qualquer* (tal como *todos* e *todo o*) também pode integrar frases cujo valor não é o de uma generalização, isto é, frases em que não é actuante a interferência pragmática a que acima fizemos referência e em que está, portanto, presente o valor de quantificação universal que Goldsmith e Woisetschlaeger (1980) consideram "de sentido usual". É o que creio que acontece na frase (3), que em seguida se repete como (46), onde está presente um operador comparativo.

(46) O Paulo é mais alto que qualquer pessoa nesta sala.

Note-se, em primeiro lugar, que esta frase integra um genuíno presente (sem carácter genérico); assim, a frase pode ser verdadeira num índice presente e falsa num índice futuro (próximo ou não) se, por exemplo, o Paulo vier a perder altura ou alguma das pessoas da sala vier a crescer. Note-se ainda que, neste tipo de contextos em que o quantificador universal *qualquer* ocorre, não é actuante a interferência pragmática anteriormente mencionada. Ou seja, se houver uma ou mais pessoas na sala que sejam mais altas que o Paulo, a frase é falsa. Temos, pois, presente, nesta estrutura com o operador *qualquer*, pura quantificação universal (obedecendo sem restrições à definição dada em (33)), o que mais uma vez comprova que a

expressão *qualquer* não se distingue de *todos/todo o* pelo seu comportamento de quantificação. Importa ainda referir que, neste mesmo tipo de contextos comparativos, a expressão *any* parece evidenciar o mesmo comportamento que *qualquer* (dado que o que se disse acima para a frase *o Paulo é mais alto que qualquer pessoa nesta sala* parece igualmente válido para a frase do inglês *Paul is taller than anyone in this room*), o que permite questionar a pertinência da distinção feita em Goldsmith & Woisetschlaeger (1980) também para os quantificadores do inglês.

Assumirei, em conformidade com os argumentos apresentados, que o valor de quantificação expresso pelo quantificador universal *qualquer* e pelos quantificadores universais típicos *todo o* e *todos* é o mesmo. Quanto às propriedades que os distinguem, e que supostamente explicam as diferenças na distribuição destas expressões, considero, como atrás referi, que se trata de propriedades de natureza essencialmente pragmática que não alteram a definição formal do quantificador.

No que concerne ao quantificador *qualquer*, penso que esta expressão se distingue dos quantificadores *todos* ou *todo o* por envolver implicitamente a **sugestão (feita pelo enunciador a um possível interlocutor) de uma metodologia ou estratégia de verificação do valor de verdade da fórmula em que ela surge**. Assim, uma frase com o quantificador universal *qualquer*, para além de asserir a existência de uma relação de inclusão entre dois conjuntos relevantes (eventualmente sujeita à interferência pragmática anteriormente referida), integra a sugestão implícita de uma metodologia que um eventual interlocutor poderá seguir por forma a verificar a existência dessa relação e, portanto, a veracidade da afirmação. Parafraseando, de forma informal, diria que está subjacente ao uso do quantificador universal *qualquer* a seguinte sugestão: "escolha - ou, acentuando um valor de eventualidade, "se escolher" - aleatoriamente um membro do conjunto denotado pela expressão nominal a que se aplica o quantificador; verificará que ele é membro do conjunto denotado pela expressão predicativa relevante (ou, por outras palavras, que ele tem a propriedade relevante). Escolha outro aleatoriamente; verificará que ele também tem a propriedade. Escolha aleatoriamente todos quantos quiser até se extinguir o conjunto e verificará que cada um deles tem a propriedade."

Desta metodologia sugerida, que constitui uma informação implícita associada ao quantificador, destacaria três aspectos: (i) a ideia de escolha aleatória ou livre (cf. noção de "*free-choice*" de Vendler, 1967) de entre os membros do conjunto a que se aplica o quantificador para verificar se eles têm a propriedade relevante; (ii) a ideia de uma verificação feita individualmente, um a um; (iii) a ideia de um processo de verificação eventual, que se pode seguir ou não, mas que no momento da enunciação é apresentado como um processo aberto, não completado. Creio que são estas características do quantificador universal *qualquer* que afectam a sua ocorrência, limitando-o a um conjunto restrito de contextos. Por hipótese, é apenas sob o escopo de

operadores que de algum modo "satisfazam" ou não sejam incompatíveis com os requisitos correspondentes a estas propriedades implícitas que este quantificador pode surgir numa dada frase de forma legítima.

Algumas das propriedades que acabámos de referir já foram apresentadas, se bem que em moldes algo distintos, em Vendler (1962, 1967), a propósito da expressão inglesa *any*. Quanto à ideia de escolha livre ou aleatória, coincide com a noção de "freedom of choice", que em Vendler (1967: 79-96) é referida como um dos aspectos peculiares do uso de *any*. Segundo o autor, "[the freedom of choice] is an essential feature; so much so that in situations that exclude such freedom, the use of *any* becomes nonsensical." (p. 80).

Noutro ponto do mesmo artigo, Vendler refere ainda que "the idea of complete verification is repugnant to an *any*-proposition" (p. 86), o que descreve aproximadamente a terceira das características implícitas acima mencionadas. Importa verificar, no entanto, que a ideia de "completude de verificação" apresentada pelo autor é diferente da que está subjacente à característica que acima se descreveu. O que o autor quer significar com a afirmação citada é que a verificação do valor de verdade de uma frase que contenha o quantificador *any* não pode ser feita, ao contrário do que acontece com os outros quantificadores universais, verificando se a totalidade dos membros do conjunto a que se aplica o quantificador *any* são membros do conjunto denotado pela expressão predicativa relevante. Vendler (1967) recorre na sua argumentação à frase seguinte (acompanhada da tradução portuguesa):

(47) Any doctor will tell you that Stopsneeze helps.

(48) Qualquer médico te diz/dirá que Stopsneeze é bom.

A verificação do valor de verdade de uma frase como (47) é, para Vendler, situando-nos numa perspectiva extensional, incompatível com a verificação, extensiva a todos os membros do conjunto dos médicos, da existência da relação de pertença entre cada um deles e o conjunto denotado pelo SV (isto é, o conjunto dos indivíduos que dirão a um dado enunciatário que Stopsneeze é bom). Para Vendler, uma verificação como a que acima se refere, na medida em que é completa, colide com o sentido de livre escolha de *any*. Não me parece, no entanto, que assim seja.

A frase em análise é particularmente complexa, por envolver um valor condicional (implícito na forma verbal) e remeter para índices de tempo futuros (valores condicional e temporal estes que, tendo escopo sobre toda a predicação, são possivelmente os legitimadores da ocorrência do quantificador), pelo que a sua computação só pode ser feita mediante consideração da intensão das expressões. Para simplificar a argumentação, recorrerei a uma frase menos complexa (eliminando o valor condicional-futuro), mas cuja consideração não altera a essência da questão em análise: saber se a verificação do valor de verdade de uma fórmula com o

quantificador universal *qualquer* pressupõe ou não que se tenham em conta todos os membros do conjunto denotado pela expressão a que se aplica o quantificador. Consideremos pois a frase mais simples *qualquer peixe sabe nadar*. De acordo com a ideia expressa em Vendler (1967) a propósito de frases como (47), a avaliação do valor de verdade de uma frase como esta não pode ser feita verificando se todos os membros do conjunto dos peixes são membros do conjunto das entidades que sabem nadar. Creio que tal suposição - que implica em última análise a negação da existência de um valor de quantificação universal - é incorrecta. Para se saber se a frase *qualquer peixe sabe nadar* é ou não verdadeira, não é suficiente, como o autor assume relativamente aos exemplos que apresenta, colher uma amostra significativa (mas nunca exaustiva) do conjunto dos peixes e verificar se eles têm ou não a propriedade de saber nadar. Se admitíssemos essa possibilidade de computação, estaríamos a atribuir ao quantificador um significado em certa medida aleatório, uma vez que baseado em critérios probabilísticos ou estatísticos. Ora, não me parece ser este o tipo de significado do quantificador universal *qualquer*. Para se avaliar o valor de verdade de uma frase como *qualquer peixe sabe nadar*, é necessário considerar o conjunto total dos peixes. Igualmente, para se fazer a computação semântica de uma frase como *qualquer médico te diz/dirá que Stopsneeze é bom*, é necessário considerar o conjunto total dos médicos (a que o enunciário faz a pergunta), nos índices de tempo e mundos possíveis relevantes.

O que importa ter em conta, e penso que aí radica a essência da diferença entre as análises de Vendler e a proposta apresentada neste trabalho, é a distinção entre dois "níveis" de avaliação do valor de verdade das frases em que ocorre o quantificador universal *qualquer*. Um "nível" tem que ver com a avaliação em absoluto, impessoal, do valor de verdade das frases, feita por aplicação de regras semânticas da gramática (dada a definição de um modelo): enquanto afirmação que contém um quantificador universal, uma frase com o operador *qualquer* é verdadeira se e só se se verificarem as condições expressas na definição (33) (com possível actuação, nalguns contextos, da interferência pragmática, a que atrás fiz referência, relativa à existência de excepções). A atribuição de um valor de verdade à frase supõe, pois, uma "verificação completa" (visto que se trata de quantificação universal), ao contrário do que é admitido em Vendler (1967). Um outro "nível" (pragmático) de avaliação tem que ver com o envolvimento dos intervenientes no acto de fala e com o facto de o enunciador sugerir (a um possível enunciário) uma estratégia de comprovação da veracidade das suas afirmações: é esta avaliação - pessoal, na medida em que é realizada por um determinado indivíduo - a que resulta de um processo de escolha aleatória indivíduo a indivíduo que poderá ser seguido (parcialmente ou até à exaustão do conjunto relevante) ou não. Em suma - e foi isso que pretendi significar anteriormente quando referi a propriedade do quantificador *qualquer* de estar associado a um processo (de verificação do valor de verdade de frases) "não completo" -, a avaliação em causa é apresentada (a um possível enunciário) como um processo não

completo, mas que terá necessariamente de ser completado (por escolha aleatória individual, como se sugere) se se quiser averiguar de facto a veracidade das afirmações. Fazer ou não essa verificação é, em suma, o que é deixado em aberto, e é nessa medida que a verificação é tida como eventual.

2.2. DISTRIBUIÇÃO DO QUANTIFICADOR UNIVERSAL *QUALQUER*

Como já foi referido, as propriedades do quantificador *qualquer* que acabámos de analisar não surgem expressas na sua definição formal, embora sejam elas, presumivelmente, as responsáveis pelas restrições que afectam a distribuição desta expressão. Estas restrições, que procurarei descrever no presente subcapítulo - em que tento definir a classe dos operadores que legitimam a ocorrência do quantificador -, poderão ser tratadas ao nível da sintaxe através da formulação de regras combinatórias em que se utilizem, por exemplo, mecanismos de unificação (tarefa que não será aqui prosseguida). Este tratamento consistiria essencialmente na atribuição de um traço comum ao operador *qualquer* e aos operadores que legitimam a sua presença (que obviamente há que definir) e na imposição do requisito da presença nas frases em que ocorre o operador *qualquer* de uma expressão com um traço idêntico ao seu (portanto, um legitimador).

Passemos à definição dos operadores que legitimam o quantificador universal *qualquer*. Creio que este quantificador é legitimado sob o escopo de (pelo menos) três tipos de operadores distintos, que designarei **operadores de genericidade**, **operadores de comparação** (ambos considerados em Peres, 1987: 316, 320) e **operadores de eventualidade**. Consideremos cada um destes operadores individualmente.

Como foi notado em Peres (1987), o quantificador universal *qualquer* é legítimo sob o escopo de expressões predicativas marcadas com [Tempo/Aspecto: Genérico]. Este valor temporo-aspectual - que aqui designo como um operador de genericidade - dá origem a um tipo de enunciados que foram analisados na secção anterior (a propósito das teses de Goldsmith e Woisetschlaeger, 1980, sobre a especificidade do quantificador universal *qualquer*) - as generalizações -, que constituem um dos contextos em que é frequente o uso deste quantificador. Este valor está normalmente associado à forma de Presente de Indicativo dos predicadores verbais, como acontece na frase *todo o peixe sabe nadar*, que anteriormente apresentei, bem como nos exemplos que se seguem:

- (49) Qualquer lisboeta gosta do Tejo. (Peres, 1987: 317)
- (50) Um lisboeta gosta de qualquer rio.
- (51) A Ana sabe manter a calma em qualquer situação.

Em Vendler (1962, 1967), dão-se como exemplo da impossibilidade de ocorrência do quantificador *any* em frases declarativas simples algumas estruturas - consideradas marginais ("deviant") pelo autor - em que esta expressão está sob o escopo de um operador de genericidade.

(52) Any raven is black. (Vendler, 1967: 93)

(53) Any tiger lives in Asia. (Vendler, 1962: 131)

O uso do quantificador *qualquer* em enunciados genéricos semelhantes a estes dá origem também no português a alguma estranheza (não diria propriamente marginalidade). Veja-se:

(54) ?Qualquer ser humano vive na Terra.

(55) ?Qualquer ser humano é mamífero.

Penso que o factor relevante que explica este comportamento é mais uma vez de natureza pragmática (e não sintáctica ou semântica). Creio que o uso de *qualquer* (bem como de *any*) é rejeitado normalmente em generalizações que sejam tidas como lugares-comuns, isto é, como expressão de uma verdade inquestionada, do conhecimento de toda a comunidade (e, conseqüentemente, dos próprios intervenientes no acto de fala), o que não deixa lugar para uma verificação com as características acima mencionadas. A verificação é, nestes casos, automática, um processo completo, acabado, o que contraria a natureza do próprio quantificador.

Note-se que a ocorrência de quantificadores universais como *todos* ou *todo o* é perfeitamente legítima neste tipo de generalizações, o que não é estranho, dado que estes quantificadores não têm o mesmo tipo de propriedades implícitas que o quantificador *qualquer*.

(56) Todos os seres humanos vivem na Terra.

(57) Todo o ser humano vive na Terra.

(58) Todos os seres humanos são mamíferos.

(59) Todo o ser humano é mamífero.

Como foi notado em Peres (1987), o quantificador universal *qualquer* é ainda legitimado sob o escopo de expressões predicativas de comparação. É o que acontece na frase (20) - *o Paulo é mais alto que qualquer pessoa nesta sala* - e nos exemplos que se seguem:

(60) O Paulo sabe mais de matemática que qualquer amigo seu.

(61) O Paulo reagiu melhor à operação que qualquer outro paciente.

(62) O Paulo foi mais corajoso que qualquer outro rapaz.

Note-se que não existe em qualquer das frases apresentadas um valor temporo-aspectual genérico. Tanto na frase (20) como na frase (60), encontramos um Presente do Indicativo com um valor temporal genuinamente presente (como referimos anteriormente, a propósito de (20)). Nas frases (61) e (62), encontramos um valor temporal Pretérito e um valor aspectual Perfeito, sendo interessante notar que este valor aspectual só parece susceptível de coocorrer com o quantificador universal *qualquer* neste tipo de contextos comparativos⁴.

Consideremos, por último, o terceiro tipo de operadores que parecem legitimar a presença do quantificador universal *qualquer*. Trata-se do que acima designei como operadores de eventualidade, que surgem tipicamente associados ao modo Condicional, ao Pretérito Imperfeito com valor condicional, ao tempo Futuro ou ao modo Conjuntivo (em relativas integradas na estrutura nominal a que se aplica o quantificador). A frase *qualquer pessoa que cometa uma infracção ao código da estrada será multada*, que anteriormente foi apresentada, integra uma ocorrência do quantificador universal *qualquer* sob o escopo deste tipo de operadores (tempo Futuro na predicação da matriz e modo Conjuntivo na predicação da relativa encaixada). As frases que se seguem ilustram algumas outras possibilidades de marcação linguística do valor de eventualidade:

- (63) Qualquer pessoa te teria ajudado, se tivesses pedido.
- (64) Qualquer pessoa te ajudava, se tivesses pedido.
- (65) Qualquer pessoa a quem tivesses pedido ajuda te teria ajudado.
- (66) Qualquer contratempo será comunicado.
- (67) Qualquer contratempo que surja será comunicado.
- (68) Qualquer contratempo que surgir será comunicado.

O que é comum a todas estas frases é que elas referem situações contingentes - que poderão ocorrer no futuro ou que são dependentes da verificação de determinadas condições -, daí a referência a um valor de eventualidade (que se opõe ao valor de facticidade presente, por exemplo, no tipo de enunciados comparativos anteriormente analisados). O valor em questão está associado nas frases acima apresentadas a distintos morfemas de tempo-aspecto e modo: (i) modo Condicional do verbo principal, nas frases (63) e (65); (ii) Pretérito Imperfeito do verbo principal (com valor equivalente ao do modo Condicional), na frase (64); (iii) tempo Futuro do verbo principal, nas frases (66)-(68); (iv) modo Conjuntivo nos verbos das relativas restritivas de (65), (67) e (68).

Os casos de legitimação sob o tempo frásico Futuro colocam alguns problemas especiais que importa considerar. Na frase (66), assumimos que este valor temporal é o legitimador do

⁴ E possivelmente também nalguns contextos em que estão presentes operadores modais, como o exemplificado em (86).

quantificador *qualquer* (aliás, o único, visto que não existe nessa estrutura uma oração relativa com modo Conjuntivo no SN que contém o quantificador). Esta hipótese parece ser confirmada pela impossibilidade de substituir esta forma temporal por um Presente ou um Pretérito. Veja-se:

- (69) *Qualquer contratempo é comunicado.
- (70) *Qualquer contratempo foi/fora/era comunicado.

Verifica-se, no entanto, que a simples presença do tempo frásico Futuro não dá origem em todos os casos a estruturas em que a ocorrência do quantificador universal *qualquer* é legítima. Compare-se a gramaticalidade da frase (66) - *qualquer contratempo será comunicado* - e da frase (71), que abaixo se apresenta, com a agramaticalidade das sequências (72) e (73), também apresentadas abaixo:

- (71) Com estes apetrechos, qualquer incêndio será extinto em dois minutos.
- (72) *Qualquer criança será levada ao hospital.
- (73) *Qualquer objecto será entregue à polícia.

Creio que o factor relevante para a explicação deste contraste se relaciona com o tipo de nome a que o quantificador *qualquer* se aplica. Aparentemente, quando este quantificador se aplica a nomes que podemos conceber como denotando (conjuntos de) situações, como *contratempo* ou *incêndio*, o simples uso do Futuro dá origem a sequências gramaticais. Já quando o quantificador se aplica a nomes que denotam (conjuntos de) indivíduos, como *criança* ou *objecto*, parece ser necessária a presença de estruturas que reforcem o valor de eventualidade, como sejam uma relativa restritiva com modo Conjuntivo ou uma subordinada condicional. Comparem-se os exemplos (72) e (73) com os que se seguem:

- (74) Qualquer criança que tenha problemas de saúde será levada ao hospital.
- (75) Qualquer objecto que for encontrado na rua será entregue à polícia.
- (76) OK/?Qualquer criança será levada ao hospital, caso tenha problemas de saúde.
- (77) OK/?Qualquer objecto será entregue à polícia, se tiver sido encontrado na rua.

Note-se que as estruturas em que o quantificador *qualquer* é combinado com nomes situacionais são equivalentes a outras em que estes nomes são modificados por relativas com modo Conjuntivo. Assim, penso que (66) é equivalente a (67) ou (68), tal como (71) é equivalente à frase que se segue:

- (78) Com estes apetrechos, qualquer incêndio que sobrevenha/sobrevier será extinto em dois minutos.

Assim, parece que o contraste anteriormente referido resulta, no essencial, do facto de podermos subentender nas estruturas nominais com este tipo de nomes situacionais (mas não com outro tipo de nomes) uma relativa com modo Conjuntivo (operador de eventualidade)⁵, o que permite provavelmente considerar que o tempo Futuro não é na verdade (pelo menos, só por si) um operador legitimador do quantificador universal *qualquer*.

Em Peres (1987), não é referido o tipo de legitimadores que acabámos de analisar (isto é, os operadores de eventualidade). Considera-se, no entanto, a existência de um outro tipo de legitimadores, a saber, os operadores modais de possibilidade, permissão e capacidade. As frases que se seguem ilustram a ocorrência do quantificador universal *qualquer* em contextos em que estão presentes operadores deste tipo:

- (79) Qualquer ser humano pode errar. [possibilidade]
- (80) Qualquer pessoa com mais de dezoito anos pode ver este filme. [permissão]
- (81) Ele é capaz de vencer qualquer obstáculo. [capacidade]

- (82) Qualquer mentecapto vê isso.
- (83) Qualquer mentecapto via isso.
- (84) Qualquer mentecapto veria isso.
- (85) Qualquer mentecapto teria visto isso.
[capacidade, operador modal implícito]

Importa notar que em todos os exemplos que acabei de apresentar existe, para além do operador modal referido, um presente com valor genérico (frases (79)-(82)) ou uma forma verbal condicional ou de valor condicional (frases (83)-(85)). Ou seja, temos presente, em qualquer destas frases, um operador (de genericidade ou de eventualidade) que legitima a ocorrência do quantificador universal *qualquer*. Nestes casos, dado que já existe um legitimador, não é necessário supor que a expressão modal funciona também como tal. Para defender a pertinência desta classe de legitimadores, penso que é crucial encontrar contextos em que não exista nenhum dos operadores que atrás demonstrámos poderem legitimar a ocorrência do quantificador e em que a supressão do operador modal dê origem a agramaticalidade. Não assumirei neste momento uma posição definitiva sobre o assunto. Sugiro, no entanto, a análise do conjunto de estruturas abaixo apresentadas, que me parecem permitir alguma argumentação a favor da pertinência da classe (cf. contrastes entre (86) e (89)), embora não pareça haver o mesmo tipo de comportamento por parte de todas as

⁵ Note-se ainda que os nomes situacionais referidos podem ser modificados por um adjectivo como *eventual* (*eventual contratempo*, *eventual incêndio*), ao passo que os nomes não-situacionais referidos não podem (**eventual criança*, **eventual objecto*).

expressões predicativas normalmente associadas aos valores modais em causa (cf. contrastes entre (86) e (87)-(88)).

- (86) OK/?Qualquer pessoa pôde entrar na sessão. [permissão]
(exemplo de Peres, 1987: 317)
- (87) ??/*Qualquer pessoa foi autorizada a entrar na sessão.
- (88) ??/*Qualquer pessoa teve permissão para entrar na sessão.
- (89) *Qualquer pessoa entrou na sessão.

Considerámos até agora a ocorrência do quantificador universal *qualquer* sob o escopo de apenas um dos diferentes tipos de operadores legitimadores. Importa, no entanto, verificar que este quantificador pode ocorrer sob o escopo de diferentes tipos de operadores simultaneamente. Veja-se o exemplo seguinte:

- (90) Um nórdico é mais alto que qualquer pessoa que nasça junto ao Equador.

A ocorrência do quantificador *qualquer* é legitimada nesta frase pela presença de um operador de genericidade (associado à forma presente do verbo *ser*), de um operador de comparação (estrutura *mais... que*) e de um operador de eventualidade (associado à forma de Conjuntivo do verbo *nascer*). Penso que a análise da combinação de distintos operadores legitimadores nas predicções em que ocorre o quantificador universal *qualquer* tem algum interesse para a compreensão global do comportamento deste quantificador. Isto porque se verifica (i) que as predicções em que ocorrem os diferentes tipos de legitimadores considerados têm propriedades semântico-pragmáticas distintas e (ii) que as propriedades associadas a alguns dos legitimadores se alteram quando estes se combinam nas predicções com outros legitimadores.

Vejamos em primeiro lugar o caso das predicções em que existe apenas um operador de comparação como legitimador (o que podemos designar por "comparações *stricto sensu*"). A frase que se segue, já anteriormente analisada, serve de exemplo:

- (91) O Paulo é mais alto que qualquer pessoa nesta sala.

Três restrições de natureza pragmática (uma delas já referida anteriormente) parecem afectar este tipo de predicções: (i) a denotação da expressão a que se aplica o quantificador (que pode ser considerada numa perspectiva extensional) não pode ser o conjunto vazio, ou seja, parece-me que uma frase como (91) não faz sentido, do ponto de vista pragmático (embora em certos sistemas lógicos seja admissível a quantificação universal sobre o conjunto vazio), se não houver pessoas na sala referida; (ii) (aspecto que talvez se possa analisar como uma pressuposição) as entidades que compõem o conjunto denotado pela expressão nominal a que

se aplica o quantificador têm de ter sido avaliadas pelo enunciador - no que respeita à propriedade relevante, neste caso a sua altura - antes da enunciação da frase; por outras palavras, penso que a frase (91) só faz sentido enquanto afirmação, enquanto algo em que o enunciador crê, se ele puder ter verificado antes da enunciação a relação que se estabelece, em termos de altura, entre o Paulo e todas as pessoas que estão na sala (o que pressupõe obviamente um conhecimento total por parte do enunciador dessas pessoas); (iii) como já anteriormente referi, não existe neste tipo de estruturas a possibilidade de haver uma excepção à condição (inerente à quantificação universal) que obriga todos os membros do conjunto denotado pela expressão nominal a que se aplica o quantificador a pertencerem ao conjunto denotado pela expressão predicativa relevante, o que significa simplesmente que a frase (91) é falsa se houver uma pessoa qualquer na sala que seja mais alta que o Paulo.

Torna-se curioso verificar que duas destas características de natureza pragmática - designadamente a segunda e a terceira enumeradas - deixam de existir quando um operador de comparação coocorre com um operador de genericidade (ou seja em generalizações que integram uma comparação). Veja-se um exemplo:

(92) Qualquer homem é mais inteligente que qualquer animal.

Com é evidente, esta afirmação, enquanto generalização (note-se que o tempo frásico está associado a um valor genérico e não é um genuíno presente), não pressupõe que o enunciador tenha avaliado individualmente e de forma exaustiva o grau de inteligência de todos os humanos e de todos os animais. Por outro lado, a afirmação não é necessariamente invalidada pela existência, provável, de um ou outro humano de inteligência inferior à de determinados animais. Das restrições de natureza pragmática acima referidas para as "comparações *stricto sensu*" aplica-se a este tipo de predicções apenas a primeira: a frase não faz sentido, do ponto de vista pragmático, num modelo em que não há homens ou animais. Importa ainda salientar uma diferença de natureza semântica entre os dois tipos de contextos considerados e que consiste no facto de as estruturas nominais a que se aplica o quantificador *qualquer* neste tipo de contextos genéricos necessitarem possivelmente de ter um tratamento intensional (e não meramente extensional, como parece possível para os contextos de comparação anteriormente referidos).

Seguem-se alguns outros exemplos de comparações genéricas (tipo que parece ser de uso bastante frequente em discursos coloquiais):

(93) O Paulo não tem um curso, mas sabe mais que qualquer engenheiro.

(94) A Ana cozinha melhor que qualquer cozinheiro profissional.

(95) A Ana cozinha melhor que qualquer pessoa no mundo.

As propriedades semântico-pragmáticas (que foram descritas) das predicções em que coocorrem operadores de comparação e operadores de genericidade existem também nas predicções com operadores genéricos em que não há comparações. Isto leva-nos a supor que o operador de genericidade tem, no tipo de estruturas analisadas, escopo mais alargado, o que leva a que prevaleçam as propriedades a ele associadas.

Consideremos, por último, as predicções em que existe um operador de eventualidade - sozinho, como na frase (68), que abaixo se repete como (96), combinado com um operador de comparação, como em (97), combinado com um operador de genericidade, como em (98) e (99), ou combinado com ambos os tipos de operadores, como em (100) ou na frase (90), que abaixo se repete como (101).

- (96) Qualquer contratempo que surgir será comunicado.
- (97) Qualquer incêndio que venha a deflagrar será com certeza menos devastador que o que se acabou de extinguir.
- (98) Qualquer pessoa que atravesse a estrada com sinal vermelho tem pouco juízo.
- (99) Qualquer pessoa que visite Sevilha na Semana Santa fica encantada com a cidade.
- (100) A luz é mais veloz que qualquer objecto físico existente ou que venha a formar-se.
- (101) Um nórdico é mais alto que qualquer pessoa que nasça junto ao Equador.

Em relação às propriedades semântico-pragmáticas atrás mencionadas, verifica-se, nos contextos aqui apresentados, o seguinte: do ponto de vista da denotação das expressões nominais a que se aplica o quantificador *qualquer*, penso que em todas estas estruturas - mesmo quando há um operador de comparação, como em (97), (100) e (101) - é necessário recorrer a um tratamento intensional. Este factor aproxima, portanto, os operadores de eventualidade e de genericidade, afastando-os dos operadores de comparação.

Por outro lado, verifica-se que, no índice temporal correspondente à enunciação de qualquer uma destas frases (e possivelmente não só nesse índice), a denotação das expressões nominais em causa pode ser o conjunto vazio, ou seja, uma frase como, por exemplo, *qualquer pessoa que atravesse a estrada com sinal vermelho tem pouco juízo* faz pleno sentido ainda que nenhuma pessoa esteja a atravessar, tenha atravessado ou venha alguma vez, no futuro, a atravessar a estrada com o sinal vermelho. Observe-se, a propósito, a seguinte frase de Vendler (1967: 87) que exemplifica de forma sugestiva a ideia em discussão:

- (102) Any nation that conquers the moon can control the earth.

Em Vendler (1967: 87ss.), encontramos já uma descrição (relativamente vaga) da propriedade que acima apresentamos - que o autor refere como "lack of 'existential import'" ou "existential neutrality" do operador e que aparece também referida noutros autores, como Carlson (1981: 21; "the use of *any* does not commit one to existence") -, embora o âmbito da sua aplicação não seja restringido, como aqui se sugere, a um subtipo de contextos em que o quantificador universal ocorre, designadamente aquele em que estão presentes operadores de eventualidade. Note-se que, em função do que ficou dito, considero que esta propriedade é característica dos contextos em que existe um operador de eventualidade (como decorre naturalmente da noção de eventualidade) e distingue este tipo de operadores tanto dos operadores de genericidade como dos operadores de comparação (cf. referências anteriores à possibilidade de haver ou não quantificação universal sobre o conjunto vazio).

Refira-se ainda, a propósito das outras propriedades pragmáticas consideradas nos contextos anteriores, que a pressuposição subjacente às "comparações *stricto sensu*" não existe em nenhum dos enunciados com operadores de comparação em que está presente um operador de eventualidade e que a possibilidade de existência de exceções só não parece aplicar-se a (96) e possivelmente a (97) (especialmente se retirarmos a expressão de valor epistémico *com certeza*), ou seja, aos casos em que está ausente qualquer valor de genericidade, o que se compreende.

3. QUALQUER COMO OPERADOR DE QUANTIFICAÇÃO EXISTENCIAL

Considerarei neste subcapítulo, seguindo a opinião expressa por diversos autores, que o operador *qualquer* tem o valor de um quantificador existencial quando ocorre sob o escopo de **operadores de negação** ou sob o escopo de **operadores condicionais** (designadamente conjunções subordinativas condicionais, como *se*). As frases (4) e (5), que a seguir reproduzo renumeradas, e as outras que as acompanham exemplificam a ocorrência de *qualquer* com este valor de quantificação:

- (103) O Paulo não conhece qualquer livro do Chomsky.
- (104) O Paulo disse que nunca tinha visto qualquer marciano.
- (105) O Paulo foi-se embora sem ter encontrado qualquer solução para o problema.
- (106) Se o Paulo tivesse visto qualquer pessoa, teria avisado.
- (107) Se o Paulo observar qualquer fenómeno estranho, vem de imediato avisar-nos.

Com este valor, o quantificador *qualquer* pode ser parafraseado por expressões como: *um... que seja/fosse, um... sequer, nenhum* ou *algum* (em posição pós-nominal), quando ocorre sob

o escopo de operadores de negação; *um... que seja/fosse, um... não importa qual* ou *algum* (posição pré-nominal), quando ocorre sob o escopo de operadores condicionais.

O quantificador existencial *qualquer* ocorre geralmente, tal como acontece com o quantificador universal, na posição pré-nominal típica dos determinantes, como se verifica nos exemplos dados acima. A sua ocorrência em posição pós-nominal, associada à partícula *um* em posição pré-nominal só é aceitável (embora marginalmente) nos contextos em que o operador legitimador é uma conjunção condicional. Veja-se:

- (108) *O Paulo não conhece um livro qualquer do Chomsky.
- (109) *O Paulo disse que nunca tinha visto um marciano qualquer.
- (110) *O Paulo foi-se embora sem ter encontrado uma solução qualquer para o problema.
- (111) ?Se ele tivesse visto uma pessoa qualquer, teria avisado.
- (112) ?Se o Paulo observar um fenómeno estranho qualquer, vem de imediato avisar-nos.

A expressão inglesa *any* pode assumir este mesmo valor de quantificação existencial nos dois contextos referidos (frases de polaridade negativa e frases condicionais). Observem-se as traduções de dois dos exemplos dados:

- (113) Paul doesn't know any of Chomsky's books.
- (114) If he had seen anyone, he would have told us.

O operador inglês *any* pode ainda assumir um valor de quantificação existencial numa importante classe de contextos - as interrogativas polares (afirmativas) -, nos quais o português só admite quantificadores existenciais como *algum* (cf. Peres, 1987: 314).

- (115) Does any saucer fit this cup? (Davison, 1980: 11)
- (116) Há algum pires que sirva a esta chávena?
- (117) *Há qualquer pires que sirva a esta chávena?

Observe-se, no entanto, a possibilidade de ocorrência de *qualquer* (a par do quantificador existencial *nenhum*) em interrogativas polares negativas:

- (118) Doesn't any saucer fit this cup?
- (119) Não há nenhum pires que sirva a esta chávena?
- (120) Não há qualquer pires que sirva a esta chávena?

3.1. QUANTIFICAÇÃO EXISTENCIAL VS. QUANTIFICAÇÃO UNIVERSAL

A interpretação semântica da expressão inglesa *any* em contextos de negação tem sido muito discutida na literatura (cf. referências a este debate, por exemplo, em Carlson, 1981: 8, e Peres, 1987: 317-318). Os autores que se debruçaram sobre esta questão dividiram-se essencialmente em duas posições, considerando uns que a única interpretação adequada para a expressão *any* nestes contextos é a de um quantificador existencial e outros que mesmo neste contexto estamos perante um quantificador universal. A razão de ser desta controvérsia reside no facto de se obterem interpretações correctas da generalidade das frases em que coocorrem um operador de negação e a expressão *any* com qualquer das duas análises alternativas desta expressão, isto é, considerando que *any* é um quantificador existencial - que ocorre sob o escopo da negação - ou que é um quantificador universal - que tem a negação sob o seu escopo. A mesma situação se verifica nas frases do português em que coocorrem a expressão *qualquer* e um operador de negação. Observe-se novamente o exemplo dado anteriormente:

(121) O Paulo não conhece qualquer livro do Chomsky.

A esta frase podemos fazer corresponder as seguintes duas fórmulas equivalentes do Cálculo de Predicados (em que "LC", "C" e "p" traduzem, respectivamente, as expressões "livro de Chomsky", "conhecer" e "(o) Paulo"):

(122) $\neg \exists x [LC(x) \wedge C(p,x)]$

(123) $\forall x [LC(x) \rightarrow \neg C(p,x)]$

Note-se que o quantificador que traduz *qualquer*, em (122), é o quantificador existencial, que está sob o escopo da negação, e, em (123), é o quantificador universal, que tem escopo alargado sobre a negação.

A frase (121) contrasta com outras em que, na ausência do operador de negação, apenas a atribuição de um valor de quantificação universal à expressão *qualquer* permite obter interpretações correctas. Veja-se:

(124) O Paulo conhece qualquer livro do Chomsky.

Este comportamento especial do quantificador *any* (= *qualquer*) em contextos de negação levou alguns autores a considerá-lo como um item distinto, sensível à polaridade, designado em Ladusaw (1980) e Carlson (1981), por exemplo, como "polarity-sensitive (existential) *any*". Importa no entanto salientar que este comportamento especial não é exclusivo dos contextos de negação, sendo igualmente verificável nos contextos (não negativos) em que ocorrem

operadores de conexão interfrásica condicionais. A polaridade da frase não parece ser, portanto, o único factor relevante na distribuição desta forma do quantificador, não sendo a designação de "polarity-sensitive *any*", conseqüentemente, adequada a todas as instâncias do quantificador em causa.

A possibilidade de interpretar o quantificador *any* quer como operador de quantificação universal quer como operador de quantificação existencial depende nas frases acima analisadas da relação de escopo existente entre o quantificador e o operador de negação. Nas frases com conjunções condicionais, existem as mesmas duas possibilidades de interpretação dependentes do escopo atribuído ao quantificador, sendo agora o operador relevante não o operador de negação, mas o operador de implicação (correspondente *grasso modo* no Cálculo de Predicados às conjunções condicionais das línguas naturais). Esta situação é referida já nalguns textos, como Davison (1980), em que se defende uma interpretação existencial para *any* nestes contextos condicionais e se refere que a posição dos autores que postulam uma interpretação universal (como Horn, 1972) se baseiam em "regras de equivalência lógica que relacionam \forall fora do escopo da negação ou da implicação material com \exists dentro do escopo da negação ou da implicação material" (p. 15).

Observe-se a frase (125), abaixo, e as duas traduções equivalentes que se lhe seguem (em que "LC", "L", "C", "p" e "a" traduzem, respectivamente, as expressões "livro de Chomsky", "ler", "contente", "(o) Paulo" e "(a) Ana"):

(125) Se o Paulo tivesse lido qualquer livro do Chomsky, a Ana ficaria contente.

(126) $[\exists x [LC (x) \wedge L (p,x)]] \rightarrow C (a)$

(127) $\forall x [[LC (x) \wedge L (p,x)] \rightarrow C (a)]$

O quantificador que traduz *qualquer* é, em (126), o quantificador existencial, que está sob o escopo do operador de implicação, e, em (127), o quantificador universal, que tem escopo alargado sobre o operador de implicação.

Note-se que se ignorou, tanto para a frase (121) como para a frase (125), uma interpretação (que no caso de (121) me parece muito marginal e no de (125) algo estranha) em que *qualquer* funciona como quantificador universal - sob o escopo da negação ou do operador de implicação -, sendo legitimado por um operador de genericidade (em (121)) ou por um operador de eventualidade (em (125)). As duas fórmulas que se seguem correspondem a estas interpretações marginais de (121) e (125), que podem ser parafraseadas respectivamente da seguinte maneira: "o Paulo não conhece todos os livros do Chomsky (embora possa conhecer alguns)" e "se o Paulo tivesse lido todos os livros do Chomsky (não apenas alguns), a Ana ficaria contente".

(128) $\neg\forall x [LC (x) \rightarrow C (p,x)]$

(129) $[\forall x [LC (x) \rightarrow L (p,x)]] \rightarrow C (a)$

Considerarei agora a questão de saber qual é a interpretação mais adequada para o quantificador nos contextos em análise e procurarei justificar a minha opção pela quantificação existencial (como interpretação mais adequada). Em Ladusaw (1980) e Linebarger (1981), são apresentados argumentos empíricos (e empírico-teóricos) para defender a hipótese de que a expressão *any* é um quantificador existencial em contextos de negação. Estes argumentos consistem fundamentalmente na apresentação de contextos em que não obtemos interpretações correctas das frases em que ocorre o quantificador *any*, se atribuímos a esta expressão um valor de quantificação universal com escopo alargado sobre a negação. A maior parte dos argumentos apresentados não pode, no entanto, ser utilizada para argumentar no português sobre a interpretação do quantificador *qualquer*, visto que envolve contextos em que a expressão portuguesa não pode ocorrer. Entre estes contam-se as frases imperativas negativas em que o SN que contém o quantificador ocupa a posição de sujeito (cf. Ladusaw, 1980: 71-73) e as frases em que o quantificador está sob o escopo de advérbios em que há negação implícita, como *rarely* ou *unlikely* (cf. Ladusaw, 1980: 76, e Linebarger, 1981: 105-106).

Um dos argumentos apresentados em Linebarger (1981: 104-105, em que a autora remete também para Carlson, 1980) pode, no entanto, ser invocado para defender a adequação de uma interpretação existencial para o quantificador português *qualquer*. Este argumento baseia-se na análise do valor do quantificador *any* em frases negativas dependentes de verbos de atitude proposicional como *believe*, contexto em que o quantificador *qualquer* também pode ocorrer e em que manifesta comportamento idêntico ao de *any*. Observe-se a seguinte frase de Linebarger (1981) e a sua tradução para o português:

(130) John doesn't believe that she knows any felons.

(131) O João não acredita que a Ana conheça qualquer criminoso⁶.

Como a autora refere, a frase (130) é ambígua entre uma leitura transparente e uma leitura opaca do SN em que ocorre o quantificador *any*, mas apenas se atribuímos a este operador um valor existencial podemos obter ambas as leituras. Consideremos esta questão através da análise da frase portuguesa (131), que julgo apresentar o mesmo tipo de ambiguidade.

⁶ A forma nominal plural *felons* surge na tradução apresentada numa forma singular (*criminoso*). Esta alteração não tem, no entanto, qualquer interferência no argumento e deveu-se simplesmente ao facto de se pretender utilizar a expressão gramaticalmente singular *qualquer* e não a expressão plural *quaisquer*. Para simplificar as fórmulas do Cálculo de Predicados, optou-se ainda pela utilização de um SN com um nome próprio (*a Ana*) em vez de uma forma pronominal (*ela*).

Uma primeira leitura da frase (131) - leitura transparente ou *de re* - corresponde *grosso modo* às seguintes paráfrases: "é verdade acerca de cada indivíduo que é (de facto) um criminoso que o João não acredita que a Ana o conhece" ou "não há um único indivíduo que seja (de facto) um criminoso tal que o João acredite que a Ana o conhece". Esta interpretação corresponde às seguintes fórmulas equivalentes de uma Lógica Intensional como a que Montague utilizou no PTQ (em que "Cr", "A", "C", "j" e "a" traduzem respectivamente as expressões "criminoso", "acreditar", "conhecer", "(o) João" e "(a) Ana"):

$$(132) \quad \neg \exists x [Cr(x) \wedge A(j, \wedge [C(a,x)])]$$

$$(133) \quad \forall x [Cr(x) \rightarrow \neg A(j, \wedge [C(a,x)])]$$

Como podemos verificar, para esta leitura, tanto a análise da expressão *qualquer* como quantificador universal como a sua análise como quantificador existencial permitem obter uma interpretação correcta da frase.

Uma segunda leitura da frase (131) - leitura opaca ou *de dicto* - corresponde *grosso modo* à seguinte paráfrase: "o João não acredita que haja um único indivíduo que (ele acredita que) seja criminoso tal que a Ana o conhece". Esta interpretação pode traduzir-se na seguinte expressão da mesma lógica:

$$(134) \quad \neg A(j, \wedge [\exists x [Cr(x) \wedge C(a,x)])]$$

Esta fórmula não está sujeita às mesmas condições de verdade que as anteriores. Imaginemos, como sugere Linebarger (1981), uma situação em que um determinado indivíduo é um criminoso e o João acredita que a Ana conhece esse indivíduo, mas não acredita que ele é criminoso. Nesta situação, a fórmula (134) poderia ser verdadeira, enquanto que as fórmulas (132) e (133) seriam falsas (note-se que a proposição "Cr(x)" está sob o escopo do predicado "A" (*acreditar*) em (134), mas não em (132) e (133)). Esta segunda leitura da frase, ao contrário do que acontecia com a anterior, só pode ser obtida se atribuirmos ao operador *qualquer* um valor de quantificação existencial, sendo, portanto, plausível considerar que é esse o valor que a expressão *qualquer* (bem como *any*) assume nestes contextos. Por extensão, parece igualmente plausível considerar - por uma questão de uniformidade de tratamento - que é esse o valor que a expressão *qualquer* (bem como *any*) assume na generalidade dos contextos de negação, mesmo que na maior parte deles a análise do operador como quantificador universal permita também obter interpretações correctas.

Em relação à tradução portuguesa (131), verifica-se ainda que parece aceitável uma terceira leitura, em que há quantificação universal sob o escopo da negação⁷, correspondente *grosso*

⁷ Cf. interpretação semelhante, mas de aceitabilidade duvidosa, para a frase (121), dada através da fórmula (128)

modo à seguinte paráfrase: "o João não acredita que a Ana conheça (=seja capaz de conhecer) todo e qualquer criminoso". Esta interpretação, em que a frase surge como uma afirmação de carácter genérico com um valor modal de capacidade implícito, pode ser traduzida na seguinte fórmula:

$$(135) \neg A(j, \wedge[\forall x[Cr(x) \rightarrow C(a,x)])])$$

Refira-se, ainda, para terminar, que a expressão nominal *a* que se aplica o quantificador *qualquer* nas frases condicionais e de polaridade negativa requer possivelmente uma interpretação intensional, à semelhança do que acontece, na generalidade dos contextos, com as expressões nominais que dependem do quantificador universal *qualquer*. Do ponto de vista pragmático, estas frases condicionais e de polaridade negativa aproximam-se ainda daquelas em que o quantificador universal é legitimado sob o escopo de um operador de eventualidade, por não envolverem necessariamente a existência das entidades sobre que se quantifica (cf. noção de "lack of existential import", de Vendler (1967), referida na secção anterior). Assim, num universo em que não há marcianos, por exemplo, fazem sentido afirmações como *nunca vi qualquer marciano* ou *qualquer marciano que vivesse no nosso planeta teria problemas respiratórios*, mas não afirmações genéricas (factuais) como *qualquer marciano usa bigode*. Davison (1980) dá conta deste comportamento do quantificador existencial *any* ao referir que "the contexts which allow *any* and other generic determiners are ones which do not indicate reference to actual states of affairs or to specific individuals. Negation (...) and conditional clauses have these properties (...); a negative statement describes a non-actual state of affairs, while conditional clauses may mention individuals which the speaker does not believe exist." (p. 24)

4. QUALQUER COMO OPERADOR DE QUANTIFICAÇÃO SOBRE ENTIDADES NÃO DISCRETAS: QUALQUER COMO OPERADOR DE QUANTIFICAÇÃO MASSIVA E COMO OPERADOR DE QUANTIFICAÇÃO ESCALAR

Como referi na introdução, o quantificador *qualquer* pode aplicar-se a dois tipos de nomes não contáveis, isto é, que não denotam conjuntos de entidades discretas: (i) nomes massivos (hipótese algo marginal para alguns falantes), como *vinho*, *ouro*, *arroz*, *açúcar* ou *oxigénio*, geralmente associados ao traço semântico [- Abstracto]; (ii) nomes que denotam valores (de propriedades) em escalas, como *pejo*, *responsabilidade*, *esperança* ou *importância*, geralmente associados ao traço semântico [+ Abstracto]. Vejam-se os exemplos seguintes (alguns dos quais são dados também na introdução):

(136) OK/?Não há qualquer vinho nestes tonéis.

(137) OK/?Não há qualquer ouro em reserva no Banco de Portugal.

- (138) OK/?Não há qualquer arroz/açúcar no pote.
- (139) OK/?Não há qualquer oxigênio na atmosfera de Marte.
- (140) Ele não teve qualquer pejo em dizer o que disse.
- (141) Não tenho qualquer responsabilidade no assunto. (Peres, 1987: 320)
- (142) Não há qualquer esperança de encontrar sobreviventes.
- (143) Este assunto não tem qualquer importância.

Os operadores que legitimam a ocorrência destas duas formas do quantificador *qualquer* são curiosamente os mesmos que legitimam a ocorrência do quantificador existencial analisado na seção anterior, ou seja, os operadores de negação e os conectores frásicos condicionais (associáveis ao operador de implicação do Cálculo de Predicados).

- (144) OK/?Não há qualquer vinho nestes tonéis.
- (145) OK/?Se houvesse qualquer vinho nestes tonéis, ele ter-no-lo-ia dito.
- (146) Não há qualquer esperança de encontrar sobreviventes.
- (147) Se houvesse qualquer esperança de encontrar sobreviventes, as equipas de socorros prosseguiriam a busca.

Em ambos estes contextos, o quantificador *qualquer* só ocorre em posição pré-nominal, comportamento que o aproxima também do quantificador existencial sobre entidades discretas (que, como vimos, quando ocorre sob o escopo de um operador condicional, apenas marginalmente pode ocupar a posição pós-nominal):

- (148) *Não há (um) vinho qualquer nestes tonéis.
- (149) *Se houvesse (um) vinho qualquer nos tonéis, ele ter-no-lo-ia dito.
- (150) *Não há (uma) esperança qualquer de encontrar sobreviventes.
- (151) *Se houvesse (uma) esperança qualquer de encontrar sobreviventes, as equipas de socorros prosseguiriam a busca.

Importa salientar que existem algumas restrições semântico-pragmáticas à ocorrência do operador de quantificação massiva e do operador de quantificação escalar *qualquer*. Quanto ao operador de quantificação massiva, creio que interfere na maior ou menor aceitabilidade das frases em que ele ocorre pelo menos o tipo de predicador dessas frases. Observem-se os contrastes registados nos dois grupos de frases que se seguem (que evidenciam a necessidade de encontrar traços caracterizadores de predicados que expliquem as diferenças de comportamento, tarefa que não tentaremos, no entanto, empreender neste trabalho):

- (152) OK/?Não há qualquer arroz neste pote.
- (153) OK/?Não existe qualquer arroz neste pote.

- (154) OK/?Não encontrei qualquer arroz neste pote.
- (155) ??Não comprei qualquer arroz.
- (156) ??Não lancei qualquer arroz aos pombos.
- (157) OK/?Não há qualquer ferrugem no meu carro.
- (158) OK/?Não descobri qualquer ferrugem no meu carro.
- (159) OK/?Não apareceu qualquer ferrugem no meu carro.
- (160) OK/?Não tenho qualquer ferrugem no carro.
- (161) ??Não raspei qualquer ferrugem do meu carro.
- (162) ??Não encobri qualquer ferrugem do meu carro.

Quanto ao operador de quantificação escalar, creio que interfere na maior ou menor aceitabilidade das frases em que ele ocorre pelo menos o tipo de nome a que o operador se aplica, o que se pode verificar através dos contrastes existentes nos exemplos que se seguem.

- (163) Ele não tem qualquer responsabilidade no assunto.
- (164) Ele não tem qualquer receio de dormir sozinho.
- (165) ??Ele não tem qualquer consciência do problema.
- (166) *Ele não tem qualquer fama.
- (167) *Ele não tem qualquer sorte.

Quando às expressões que permitem parafrasear estas duas formas do quantificador *qualquer*, temos: para o operador de quantificação massiva, *a mais pequena quantidade* ou *porção (de)* e, quando combinado com a negação, *nenhum* (a expressão *algum*, em posição pós-nominal, não pode aparentemente ser combinada com nomes massivos); para o operador de quantificação escalar, *o mais pequeno*, *o menor* ou *o mínimo (grau de)*, *algum* (em posição pós-nominal) e, quando combinado com a negação, *nenhum*.

No inglês, é também possível utilizar a expressão *any* como um operador de quantificação massiva e escalar nos contextos em que é legítima a ocorrência do quantificador existencial *any*, ou seja, em frases de polaridade negativa, em frases subordinadas condicionais e em frases interrogativas polares. Vejam-se os exemplos:

- (168) There isn't any hope of finding survivors.
- (169) If there was any hope of finding survivors, ...
- (170) Is there any hope of finding survivors?
- (171) There wasn't any wine left in the tuns.
- (172) If there was any wine left in the tuns, ...
- (173) Is there any wine left in the tuns?

Refira-se ainda a possibilidade de o operador inglês *any* se aplicar a nomes massivos e escalares nalguns contextos típicos do quantificador universal (possibilidade inexistente no português, onde, nos mesmos contextos, só podemos ter operadores de tipo universal como *todo o*):

(174) Paul will need any money he can get.

(175) Paul will need any help he can get.⁸

(176) O Paulo vai precisar de {todo o/*qualquer} dinheiro que conseguir arranjar.

(177) O Paulo vai precisar de {toda a/*qualquer} ajuda que conseguir arranjar.

Penso que as tentativas de descrição e caracterização feitas na presente secção tornaram evidente a necessidade de um maior desenvolvimento e enquadramento formal da análise destes subtipos de quantificadores. Este desenvolvimento e enquadramento estão dependentes, no entanto, do estudo de questões que ultrapassam o âmbito do presente trabalho, como sejam, (i) a formalização da quantificação sobre entidades não discretas e (ii) a definição de uma tipologia de nomes baseada em critérios denotacionais. Ambas estas questões estão a ser estudadas no âmbito do projecto em que este trabalho se inscreve (cf. Peres, 1992, e Novais, 1992), pelo que será de esperar a possibilidade de um maior desenvolvimento num futuro próximo.

5. QUALQUER COMO MODIFICADOR NULO (OU IRRESTRITOR) EM ESTRUTURAS DE QUANTIFICAÇÃO CARDINAL

Considerarei nesta secção o valor assumido pela expressão *qualquer* em frases imperativas como as que abaixo se apresentam:

(178) Traz qualquer livro dessa estante!

(179) Traz um livro qualquer dessa estante!

(180) Ocupa qualquer lugar! Estão todos vagos.

(181) Ocupa um lugar qualquer! Estão todos vagos.

Como podemos verificar, ao contrário do que acontecia geralmente nos contextos até aqui analisados, a expressão *qualquer* pode ocorrer, neste tipo de frases imperativas, tanto na posição pré-nominal típica dos determinantes como na posição pós-nominal (acompanhada da forma *um* na posição pré-nominal).

⁸ Exemplo adaptado do *Longman Dictionary of Contemporary English*

Procurarei analisar o valor assumido pela expressão *qualquer* nestas estruturas considerando dois factores: (i) o tipo de quantificação presente nos sintagmas nominais introduzidos por esta expressão, que considerarei ser de tipo cardinal singular, isto é, do tipo normalmente associado à expressão (*exactamente*) *um*; (ii) a diferença existente entre estruturas em que se usa apenas um quantificador cardinal singular como (*exactamente*) *um* e aquelas em que está presente a expressão *qualquer* (ou *um... qualquer*), que considerarei consistir essencialmente na presença de uma modificação do núcleo nominal de efeito nulo (no sentido em que não há qualquer restrição do referente do núcleo modificado).

Começemos pelo valor de quantificação existente nas estruturas nominais introduzidas pelo quantificador *qualquer* que ocorre em frases como as que acima foram apresentadas. Como referi, considero que a expressão singular simples *qualquer* (ou a expressão descontínua *um... qualquer*) está associada, no tipo de contextos ilustrado, a um valor de quantificação cardinal singular, valor este que já se encontra expresso na definição desta expressão dada em Peres (1987: 319) (embora o autor mantenha a designação de operador existencial). A hipótese de que estamos perante quantificação cardinal (singular) é confirmada pela simples análise do sentido de frases como (178) - *traz qualquer livro dessa estante!* - ou (179) - *traz um livro qualquer dessa estante!* Trata-se de enunciados de tipo directivo, que podem ser entendidos como uma ordem ou pedido dirigido a um determinado interlocutor para este trazer um e apenas um livro - não importa qual - da estante referida. Penso que não estaria, portanto, a responder adequadamente ao que é solicitado na frase o interlocutor que, assim instado, trouxesse mais de um livro; daí assumir que o valor de quantificação associado ao SN em que ocorre a expressão *qualquer* é cardinal singular e não existencial.

Podemos expressar todos os outros valores cardinais (não singulares) em contextos imperativos deste tipo através do uso das expressões morfológicamente plurais *quaisquer n* e *n... quaisquer* (onde *n* representa qualquer número inteiro maior que um - cf. também definição dada em Peres, 1987: 319).

(182) Traz quaisquer dois livros dessa estante!

(183) Traz dois livros quaisquer dessa estante!

Penso que este tipo de operador permite referir ainda (talvez um pouco marginalmente), para além destes valores numerais exactos, uma qualquer combinação numérica não especificada. É o que acontece quando usamos a forma plural simples *quaisquer*, em frases como a que se segue:

(184) OK/?Traz quaisquer livros dessa estante!

Neste caso, é conferida ao interlocutor a possibilidade de escolher não só o tipo de livros a trazer mas também o seu número (com possível excepção de um apenas).

O inglês também tem formas distintas para referir estes vários tipos de valores numerais em frases imperativas. Os valores exactos correspondem ao uso de *any* seguido da forma de quantificador cardinal típica: *any one, any two, any three, etc.* (cf. exemplos de Vendler, 1967: 79-82). O uso do operador simples *any* corresponde tipicamente, nestes contextos, à expressão de um valor numérico não fixo (do tipo do que acima referimos poder ser veiculado no português através da forma plural simples *quaisquer*); como se refere em Vendler (1967), uma expressão como *take any* "leaves you free both as to which and how many to choose" (p. 81), aspectos que o autor associa a duas propriedades da expressão, que designa "freedom of choice" e "indifference of size". Discordo do autor apenas quando refere que "the immediate scope of *any* cannot exhaust the total population; in other words, *any* never amounts to *every*". Creio que uma frase como *take any apples (from that basket)!* ou, no português, *OK?!apanha quaisquer maçãs (do cesto)!* contempla a possibilidade de o executor da ordem ou pedido apanhar todas as maçãs (a frase do português pode aliás ser parafraseada por *apanha todas as maçãs que quiseres!* ou *apanha quantas maçãs quiseres!*).

Consideremos agora um outro aspecto das estruturas nominais em que ocorre a expressão *qualquer* em frases imperativas. Penso que a expressão em causa não se limita a exprimir neste tipo de frases um determinado valor de quantificação. Se assim fosse, as frases (178) - *traz qualquer livro dessa estante!* - e (179) - *traz um livro qualquer dessa estante!* - não deveriam diferir em nada de uma frase como a que se segue (em que *um* se deve interpretar como sinónimo de *exactamente um*):

(185) Traz um livro dessa estante!

Creio que estas três frases são equivalentes na expressão da quantidade de livros que se pede para trazer, a saber, exactamente um. Já no que diz respeito à expressão da qualidade desses livros, se não se pode afirmar que as frases não são equivalentes, pode-se pelo menos afirmar que não são igualmente informativas. A frase (185) é mais vaga, visto que pura e simplesmente não integra qualquer especificação relativa à qualidade do livro a trazer. Na ausência desta especificação, poderá o interlocutor tomar a liberdade de escolher o livro a trazer ou requerer essa informação do enunciador através de uma interrogativa de instanciação como, por exemplo, a seguinte:

(186) Que livro queres que te traga?

Nas frases (178) e (179), por outro lado, existe uma informação relativa à qualidade do livro a trazer (género de especificação tipicamente representada por modificadores), a saber, a

informação de que nenhuma qualidade é relevante, ou seja, de que todos os livros sem restrições servem. O enunciador está, assim, a atribuir expressamente ao interlocutor a liberdade de escolher o livro a trazer. Ao contrário do que acontecia no exemplo anterior, estes enunciados não são vagos neste aspecto, pelo que seria completamente descabido da parte do interlocutor reagir a qualquer destes pedidos com uma interrogação como (186)⁹. Quando muito, poderia solicitar a confirmação da sua liberdade de escolha através de uma interrogativa polar como a seguinte:

(187) Serve mesmo um qualquer?

Penso que o operador *qualquer* que ocorre nos enunciados considerados nesta secção pode ser analisado como um modificador que tem a particularidade de, ao contrário do que seria de esperar de um modificador, não restringir o referente da expressão nominal a que se aplica, pelo que pode ser designado como um **modificador nulo** ou um **irrestritor**. Mais formalmente, podemos considerar que o operador *qualquer* em análise é uma expressão que se combina com uma estrutura nominal X para formar uma expressão Y cuja denotação é idêntica à da estrutura nominal X, ou seja, o que o modificador nulo acaba por denotar é a função de identidade de conjuntos para conjuntos. Não se trata, no entanto, de uma expressão redundante, já que o seu papel não se resume a este efeito de modificação nula. Com efeito, deve acentuar-se que o uso deste modificador nulo bloqueia, muito evidentemente, no plano discursivo (e particularmente dialogal) a possibilidade de intervirem concomitantemente outras operações de modificação sobre o domínio em causa, ou seja, uma estrutura nominal modificada (nulamente) por *qualquer* não pode voltar a ser restringida por qualquer outra expressão¹⁰. Daí o interesse da sua utilização neste tipo de acto de fala directivo: o interlocutor

⁹ Vendler (1967) discute também a possibilidade de o enunciatário recorrer a interrogativas para obter junto do enunciador mais especificações acerca dos objectos referidos: "Take one lacks determination as well, but, and this is the crucial point, here the determination may still be up to me [enunciador]; you may sensibly ask back, *Which one?* With *Take any one*, it is up to you to do the determining; here it does not make sense to ask back, *Which one?*(...)" (pp. 79-80)

¹⁰ Veja-se, por exemplo, a incongruência da primeira das seguintes sequências:

- (i) Traz-me um livro qualquer, mas tem de estar escrito em Português e não pode ter mais de cem páginas.
- (ii) Traz-me um livro, mas tem de estar escrito em Português e não pode ter mais de cem páginas.

Note-se ainda que frases como *traz-me um livro qualquer que esteja nessa estante!*, em que *qualquer* é seguido de uma relativa restritiva, não invalidam a afirmação de que uma expressão modificada pelo irrestritor *qualquer* não pode ser restringida. O que acontece é que este operador pode aplicar-se a nomes já modificados (cf., por exemplo, sequências *um livro antigo qualquer*, *um livro religioso antigo qualquer*) e ocupar uma posição sintáctica à esquerda de um dos modificadores. É o que se verifica na frase dada, *Traz-me um livro qualquer que esteja nessa estante!*. Aqui, o operador *qualquer*, apesar de ocorrer à direita de *livro* não modifica apenas esse núcleo nominal, mas sim toda a estrutura descontínua *livro que esteja nessa estante*.

ao confrontar-se com a expressão *qualquer* sabe que não há mais restrições a fazer, que foi traçado, por assim dizer, o limite da sua liberdade de escolha¹¹.

Como se depreende do que até aqui foi dito, postulo a existência de dois operadores nos sintagmas nominais das frases imperativas em que ocorre a expressão *qualquer* - um operador de quantificação (cardinal) e um operador de modificação (nula). Este facto coloca a questão da correspondência entre esses operadores e expressões da linguagem. Nas estruturas com a forma descontínua *um... qualquer*, podemos conceber uma análise, sem dúvida vantajosa na perspectiva de um tratamento composicional das frases, em que *um* é o quantificador e *qualquer* o modificador nulo. Nas estruturas em que ocorre a forma simples (pré-nominal) *qualquer*, este tipo de análise levar-nos-ia a considerar a existência de um quantificador nulo (isto é, não expresso), visto que não ocorre a forma *um*. Alternativamente, poder-se-ia conceber uma análise, que provavelmente colocaria problemas de composicionalidade, em que uma só expressão (simples - *qualquer* - ou descontínua - *um... qualquer*) acumularia ambas as funções. Como se depreende da designação escolhida para o operador *qualquer* em análise (cf. título desta subsecção), inclino-me para uma solução do primeiro tipo, embora a questão seja sem dúvida discutível.

Convém salientar que esta combinação de dois valores - quantificação cardinal e irrestricção -, parafraseável através da sequência *exactamente um de entre todos sem excepção*, não está associada à expressão *qualquer* em todo o tipo de frases imperativas. Por exemplo, nas imperativas em que esta expressão ocorre em posição pré-nominal num sintagma que contém uma oração relativa com uma forma verbal de Conjuntivo (um operador de eventualidade), podemos interpretá-la como um quantificador universal (sendo normalmente difícil, nestes mesmos contextos, interpretá-la como um modificador nulo associado a um valor de quantificação cardinal singular). Observem-se os seguintes exemplos ilustrativos (em que *qualquer* tem, preferencialmente pelo menos, o valor da expressão *todo e qualquer*):

(188) Traz qualquer livro que haja nessa estante!

(189) Apanha qualquer livro que caia!

(190) Cumprimenta qualquer pessoa que te cumprimentar!

Referirei ainda, para terminar esta secção, que me parece igualmente possível o operador *qualquer* estar associado a este valor de modificação nula em estruturas - não imperativas - em que existe um valor de quantificação existencial. Não desenvolverei a análise deste tipo de estruturas no presente trabalho por necessitar de reflectir mais sobre o tipo de contextos em

¹¹ Distingue-se obviamente esta liberdade de escolha do interlocutor - associada ao cumprimento de um pedido ou ordem expresso num acto directivo - da liberdade de escolha do interlocutor - como possível avaliador da veracidade de um enunciado declarativo. Em Vendler (1967), utiliza-se o termo "freedom of choice" para referir qualquer uma destas "liberdades" (que o autor não parece distinguir).

que esta interpretação é legitimada - daí não ter criado uma subsecção independente -, limitando-me a apresentar alguns exemplos ilustrativos e a comentá-los. Observem-se as seguintes frases:

(191) Quando está aborrecido, o Paulo pega num livro qualquer e põe-se a ler.

(192) Quando está aborrecido, o Paulo pega em qualquer livro e põe-se a ler.

Creio que o valor de irrestricção expresso pelo operador *qualquer* nas frases imperativas que atrás analisámos, também está presente nas frases (191) e (192). Com efeito, parece-me adequada uma paráfrase do sentido destas frases como a seguinte: "quando o Paulo está aborrecido pega num livro (pelo menos), sendo todos os livros sem excepção candidatos a que o Paulo, nas circunstâncias referidas, pegue neles para os ler". Por outras palavras, o que afirmamos é que o Paulo não impõe nenhuma restricção ao tipo de livros em que pega para ler quando está aborrecido (se impuser, a frase é falsa). Mais uma vez, no sintagma nominal em que ocorre a expressão *qualquer* ou *um... qualquer*, encontramos uma combinação de dois valores: neste caso, quantificação existencial e irrestricção, parafraseável através da sequência *pelo menos um de entre todos sem excepção*.

6. QUALQUER COMO OPERADOR DE IDENTIFICAÇÃO VAGA

Considerarei neste subcapítulo duas ocorrências distintas da expressão *qualquer* (ou *um... qualquer*), que têm em comum o facto de marcarem no discurso a identificação deficiente - imputável geralmente a um estado de informação parcial por parte do enunciador - de um ou mais intervenientes nos estado-de-coisas representados. Vejamos cada um destes tipos de ocorrência em separado.

6.1. QUALQUER COMO OPERADOR DE IDENTIFICAÇÃO VAGA EM ESTRUTURAS DE QUANTIFICAÇÃO EXISTENCIAL

O valor da expressão *qualquer* em análise surge em frases como as que se seguem (que incluem um exemplo dado na introdução):

(193) A Rita tem qualquer problema. (Peres, 1987: 320)

(194) Passa-se qualquer coisa estranha naquele edifício.

(195) Deve ter acontecido qualquer coisa que impediu o Paulo de chegar a horas.

Neste tipo de contextos - tal como acontecia nos contextos analisados na secção anterior -, o operador *qualquer* pode ocupar uma posição pós-nominal (acompanhado da forma *um* em posição pré-nominal):

(196) A Rita tem um problema qualquer.

(197) Passa-se uma coisa {qualquer estranha/estranha qualquer} naquele edifício.

(198) Deve ter acontecido uma coisa qualquer que impediu o Paulo de chegar a horas.

A análise do valor da expressão *qualquer* nestes contextos deve ter em conta (como acontecia na secção anterior) dois aspectos distintos dos sintagmas nominais em que *qualquer* ocorre: (i) o valor de quantificação, que considerarei ser existencial, e (ii) a diferença existente entre estruturas em que se usa apenas um quantificador existencial típico, como (*pelo menos*) *um*, e aquelas em que está presente a expressão *qualquer* (ou *um... qualquer*).

Parece pacífico assumir que a quantificação presente nos sintagmas nominais (das frases apresentadas) que integram a expressão *qualquer* é de tipo existencial. Uma frase como *a Rita tem qualquer problema*, por exemplo, expressa a convicção do enunciador (associada a um valor modal epistémico de plausibilidade) de que a Rita tem pelo menos um problema (não se excluindo a hipótese de ela eventualmente ter mais). Mas o significado da frase não é totalmente captado nesta paráfrase. Comparem-se as frases (193) - *a Rita tem qualquer problema* - e (196) - *a Rita tem um problema qualquer* - com a frase que se segue (de que nos interessa apenas a interpretação em que *um* tem um valor existencial):

(199) A Rita tem um problema.

Penso que a diferença essencial entre estas frases consiste no facto de o enunciador expressar, em (193) e (196), através da forma *qualquer*, mas não em (199), o seu desconhecimento acerca do(s) problema(s) que a Rita tem. Assim, uma paráfrase adequada para as duas frases em que ocorre o operador *qualquer* seria, por exemplo: "a Rita tem (ou deve ter) pelo menos um problema, mas eu não sei qual é". *Qualquer* pode ser assim entendido, neste tipo de frases, como acima referíamos, como um operador que marca no discurso um estado de informação parcial por parte do enunciador relativamente à identificação dos intervenientes nos estado-de-coisas representados, isto é, um "operador de identificação vaga". Parece, pois, evidente que a formalização deste valor impõe o recurso a sistemas que integrem o conceito de informação parcial.

A questão da correspondência entre expressões linguísticas e os dois valores presentes nos sintagmas nominais analisados - quantificação existencial e identificação vaga - coloca-se em moldes muito semelhantes aos referidos no capítulo anterior a propósito do modificador nulo *qualquer*, a saber: ou as expressões *qualquer* e *um... qualquer* (analisado como operador descontínuo) assumem as duas funções ou *qualquer* é tratado apenas como operador de identificação vaga (o que quer que isso represente num tratamento formal composicional da expressão), sendo o valor de quantificação existencial assumido ora pelo determinante *um* ora por um operador nulo (quando *qualquer* ocupa a posição pré-nominal). A combinação destes

dois valores pode ser parafraseada por sequências como *(pelo menos) um, não sei qual* ou *(pelo menos) um, seja ele qual for*.

Importa referir que o que aqui designo como operador de identificação vaga em estruturas de quantificação existencial (e que poderia talvez designar, dependendo da análise formal, como quantificador existencial em estruturas de identificação vaga) não se confunde com o quantificador existencial *qualquer* analisado na secção 2. Note-se que a expressão *qualquer* classificada nessa secção como o quantificador existencial pode ser interpretada equivalentemente, na generalidade dos contextos em que ocorre, como um quantificador universal, a mesma coisa não se verificando com o operador que agora está a ser analisado. Comparem-se, por exemplo, as duas frases seguintes, que mostram claramente a diferença de comportamento destas expressões.

(200) O Paulo não ouviu qualquer ruído.

(201) O Paulo ouviu {um ruído qualquer/qualquer ruído}.

Importa ainda referir que o operador inglês *any* não pode ocorrer no tipo de contextos que aqui analiso. As frases que podem equivaler *grosso modo* aos exemplos dados nesta secção incluem sempre quantificadores existenciais como *some* ou *a*.

(202) Rita must have {some/a/*any} problem.

(203) There's is {some/*any}thing strange going on in that building.

(204) Paul has heard {some/a/*any} noise.

Os contextos em que tipicamente ocorre esta forma do operador *qualquer* são aqueles em que está presente um valor modal epistémico. Deve notar-se que são muito frequentes os casos em que este valor modal não é expresso através de qualquer marcador linguístico (cf., por exemplo, frases (193), (194) e (201)). Nas frases que se seguem, encontramos sublinhados alguns exemplos de operadores modais (expressos) que sancionam a ocorrência da expressão *qualquer* analisada nesta subsecção:

(205) Aconteceu qualquer coisa. (Peres, 1987: 320)

(206) Aconteceu qualquer coisa, possivelmente.

(207) Aconteceu qualquer coisa, de certeza.

(208) Deve ter acontecido qualquer coisa.

6.2. QUALQUER COMO OPERADOR DE IDENTIFICAÇÃO VAGA EM ESTRUTURAS DE QUANTIFICAÇÃO CARDINAL

Analisaremos nesta subsecção o valor que a expressão *qualquer* assume em frases como as que se seguem (que incluem exemplos dados na introdução):

- (209) Houve um terremoto num país qualquer da Ásia.
- (210) Houve uma pessoa qualquer que me disse que o Paulo ia chegar amanhã, mas não me recordo de quem foi.
- (211) Telefonou um amigo teu qualquer. Não me recordo agora do nome.

Nestas frases, os sintagmas nominais em que ocorre a expressão *qualquer* têm um valor próximo do de certos sintagmas nominais em que ocorrem as expressões *um certo*, *um dado* ou *um determinado*. Compare-se a frase (209) com a frase (212), que se segue:

- (212) Houve um terremoto num certo país da Ásia.

Para compreender o papel do operador *qualquer* nos exemplos apresentados, há que considerar, mais uma vez, dois aspectos semânticos das estruturas nominais em que este operador está integrado: (i) o valor de quantificação, que considerarei ser de tipo cardinal (singular, dada a presença das formas singulares *um* e *qualquer*); (ii) o valor suplementar introduzido pela expressão *qualquer*, que parece ser, tal como nos exemplos da subsecção anterior, um valor de identificação vaga.

Consideremos, por exemplo, a frase (209). Através de uma frase como esta, o enunciador refere a ocorrência de um terremoto num, e apenas um, país da Ásia - um país concreto, determinado, aliás, que pode ser, por exemplo, o Afeganistão. Note-se que, sintomaticamente, o sentido do sintagma nominal *um país qualquer* na frase em análise pode ser parafraseado por uma expressão introduzida por um quantificador característico das descrições definidas (o): *o país x (que eu não sei designar)*. Este valor de quantificação cardinal (singular) acompanha, nos sintagmas em análise, um outro valor que distingue estas estruturas. O enunciador da frase (209) refere-se a um país concreto, determinado, mas que, no momento da enunciação, não sabe com precisão identificar ou designar (daí não usar um nome próprio, mas um nome comum acompanhado de *qualquer*). Trata-se mais uma vez de um valor de identificação vaga - específico do operador *qualquer* - correspondente a um estado de informação parcial do falante. É de notar que a aplicação do operador *qualquer* (ou *certo*, em exemplos equivalentes) a um núcleo nominal tem, nestes casos, um efeito maximamente restritivo (que contrasta de forma evidente com o valor nulamente restritivo do operador analisado na secção 5), já que a expressão complexa [N *qualquer*] (ou [*certo* N]) remete sempre para uma única entidade do conjunto denotado por N. Assim, pode assumir-se a existência nestes contextos de uma única entidade relevante, mas cujas propriedades o enunciador não descreve, pelo que não é possível identificá-la e distingui-la dos outros membros do conjunto denotado pela expressão não restringida (N).

Esta forma do operador *qualquer* é aproximável da analisada na subsecção anterior, mas distingue-se dela pelo facto de ocorrer associada a uma estrutura de quantificação em que está presente um valor de cardinalidade exacto (e não inexacto, como nos casos anteriores)¹². Os valores de quantificação e identificação vaga presentes nos exemplos considerados podem ser parafraseados através de uma sequência como *um certo* (ou *um determinado*), *não me recordo qual* (ou *que eu não sei designar*).

Ao contrário do que acontece com as outras formas até agora consideradas, o operador *qualquer* analisado nesta subsecção ocorre quase exclusivamente em posição pós-nominal (acompanhado da forma pré-nominal *um*). Excepção a esta regra, é o contexto em que o operador integra um sintagma nominal complemento directo do predicado verbal *haver*. Observem-se os contrastes:

- (213) Houve um terramoto num país qualquer da Ásia.
- (214) ??/*Houve um terramoto em qualquer país da Ásia.
- (215) Houve uma pessoa qualquer que me disse que o Paulo chegava amanhã, mas não me recordo de quem foi.
- (216) Houve qualquer pessoa que me disse que o Paulo chegava amanhã, mas não me recordo de quem foi.

Tal como acontecia relativamente ao operador analisado na secção anterior, não é possível a expressão inglesa *any* veicular a informação associada a este operador *qualquer*.

- (217) There has been an earthquake in {*any/a certain} country of Asia.

Penso que possivelmente não existem restrições de ocorrência (relacionadas com a presença de legitimadores) que sejam específicas deste operador. Creio que ele poderá em princípio ocorrer sempre que o enunciador, em qualquer tipo de frase, queira recorrer ao tipo de identificação vaga que esta expressão permite fazer. Naturalmente, dado que o seu uso pressupõe a existência das entidades sobre as quais se quantifica, os contextos em que está presente uma marca de eventualidade serão naturalmente pouco propícios à sua ocorrência. Já frases com modo Indicativo (com tempo Presente ou Pretérito, com aspecto Perfeito ou Imperfeito) são contextos em que este operador pode perfeitamente ocorrer (cf. exemplos dados nesta subsecção).

¹² Nos exemplos apresentados, temos um valor de cardinalidade singular, mas é possível também identificar vagamente um número plural de entidades - de forma precisa (através de numerais plurais como *dois*, *três*, etc.) ou de forma igualmente vaga (através do quantificador plural *uns*):

- (i) Houve um terramoto em dois países quaisquer da Ásia.
- (ii) Houve um terramoto nuns países quaisquer da Ásia.

O último aspecto que considerarei nesta subsecção é a possibilidade de o operador *qualquer* dar origem (quando ocorre em posição pós-nominal) a estruturas ambíguas, em que podem ser atribuídos a este operador os dois valores de identificação vaga considerados nesta secção 6 (o que mostra que se trata de ocorrências do operador que importa distinguir). Veja-se a frase (231), que se segue, e duas contextualizações possíveis da mesma que dão conta de duas leituras distintas.

- (218) A Rita tem um problema qualquer.
- (219) A Rita tem um problema qualquer, com certeza. Era bom que ela nos dissesse o que é que se passa.
- (220) A Rita tem um problema qualquer... É uma doença nas articulações com um nome muito complicado de que eu agora não me recordo.

Em (219), existe quantificação existencial com o operador de identificação vaga *qualquer* sob o escopo de um operador epistémico (cf. casos idênticos na subsecção 6.1): o enunciador supõe a existência de pelo menos um problema, mas não sabe qual possa ser (note-se que esta é a única interpretação possível no caso de o operador ocorrer em posição pré-nominal, como na frase *a Rita tem qualquer problema*). Em (220), o operador de identificação vaga *qualquer* ocorre num contexto em que está subjacente o valor de quantificação cardinal (cf. casos analisados nesta subsecção): o enunciador sabe que existe um e apenas um problema, um problema concreto, definido, que ele sabe inclusive qual é, mas que não sabe designar. O tipo de desconhecimento do enunciador é pois diferente num e noutro contextos de identificação vaga (aspecto que possivelmente apenas tem relevância no plano pragmático).

7. QUALQUER COMO MODIFICADOR DE TIPO ADJECTIVAL DE SENTIDO PEJORATIVO

A expressão *qualquer* pode funcionar, no português actual, como um modificador de tipo adjectival, com um sentido normalmente pejorativo próximo do de expressões como *vulgar*, *ordinário*, *sem importância*, *não especial*. As frases que se seguem (algumas das quais já apresentadas na introdução) ilustram este valor da expressão *qualquer*.

- (221) Ele não é um escritor qualquer. Já foi galardoado com vários prémios.
- (222) Ele é um escritorzeco qualquer que ninguém conhece.
- (223) A Ana não está a ler um romance qualquer.
- (224) A Ana não quer namorar com um rapaz qualquer.

Neste contexto, "qualquer" é aquele que não se destaca num determinado conjunto, o que não é especial, o medíocre. No facto de ele não se destacar, de não trazer nada de especial,

detectamos um sentido que se aproxima da noção de "escolha livre" subjacente ao quantificador universal e existencial *qualquer*.

O modificador adjectival *qualquer*, ao contrário do que acontece com a generalidade dos modificadores, tem uma distribuição fortemente condicionada, curiosamente coincidente, em parte, com a de outras formas do operador, designadamente a forma de quantificador existencial. Assim, à parte algumas excepções que em seguida referirei, este modificador apenas pode surgir nos contextos em que estão presentes operadores de negação e operadores condicionais (ou seja, os operadores que legitimam a ocorrência do quantificador existencial *qualquer*).

Penso que são pelo menos três os factores a ter em conta na descrição da distribuição do modificador de tipo adjectival *qualquer*. (i) operadores presentes na estrutura, sendo de distinguir os contextos em que ocorrem operadores de negação ou condicionais dos outros contextos em que esses operadores não estão presentes; (ii) posição pré-nominal ou pós-nominal do modificador; (iii) posição predicativa (isto é, dependente do verbo copulativo *ser*) ou não predicativa do SN em que ocorre o modificador.

O quadro que se segue, que em seguida será comentado, dá conta da possibilidade de ocorrência do modificador nos vários contextos referidos:

(225)

		posição pós-nominal	posição pré-nominal
frases negativas ou condicionais	posição predicativa	+	- ¹³
	posição não predicativa	+	+
outras frases	posição predicativa	+	-
	posição não predicativa	-(?)	-

¹³ A ocorrência do modificador *qualquer* em posição pré-nominal em SN's predicativos dá normalmente origem a sequências agramaticais ou de grande marginalidade. Comparem-se os seguintes exemplos:

- (i) Ele não é um escritor qualquer. Já foi galardoado com vários prémios.
- (ii) ??/*Ele não é qualquer escritor. Já foi galardoado com vários prémios.

Excepção a esta regra parece ser a estrutura quase idiomática em que *qualquer* se aplica à forma (substantiva) *um*.

- (iii) Ele não é qualquer um.
- (iv) Não o trates como se ele fosse qualquer um.

Como se pode verificar, a ocorrência do modificador *qualquer* em frases afirmativas não condicionais parece estar limitada aos contextos em que esta expressão ocorre em posição pós-nominal num SN predicativo (do sujeito). Existe ainda uma outra restrição à ocorrência do modificador nestes contextos, que não está expressa no quadro acima apresentado, e que consiste na necessidade de o nome a que se aplica o operador ter um sentido pejorativo marcado lexicalmente, morfologicamente (através de um determinado sufixo de sentido pejorativo) ou supra-segmentalmente (através de determinado tipo de entoação). Os exemplos que ilustram a ocorrência da expressão *qualquer* nestes contextos são os seguintes:

- (226) Ele é um idiota qualquer.
- (227) Ele é um escritorzeco qualquer que ninguém conhece.
- (228) Ele, é um ESCRITOR qualquer.¹⁴

Os três exemplos que se seguem ilustram a impossibilidade (representada no quadro (225)) de ocorrência do operador *qualquer*, com este valor de modificação adjectival (de sentido pejorativo), respectivamente, num SN predicativo em posição pré-nominal e em SN's não predicativos, tanto em posição pré-nominal como em posição pós-nominal.

- (229) *Ele é qualquer escritor.
- (230) *O Paulo conversou com qualquer escritor.
- (231) *O Paulo conversou com um escritor qualquer.¹⁵

Consideremos agora a ocorrência do modificador adjectival *qualquer* em frases negativas e condicionais. Quando ocorre num SN predicativo, o operador *qualquer* tem de assumir normalmente (cf. nota 14) a posição pós-nominal, como nos exemplos que se seguem:

- (232) Ele não é um médico qualquer; é um dos mais famosos cirurgiões do mundo.
- (233) Se ele fosse um médico qualquer, não seria procurado por gente de todo o mundo.

A ocorrência da expressão *qualquer* em posição pré-nominal em SN's não predicativos de frases negativas e condicionais dá origem normalmente a estruturas ambíguas, dado que nesse contexto, a expressão pode ser interpretada quer como um operador de quantificação

¹⁴ A utilização de maiúsculas na palavra *escritor* pretende significar que a pronúncia da palavra é acompanhada de uma entoação que denote um certo desprezo (possivelmente acompanhada por algum gesto com o mesmo tipo de significado). A vírgula a seguir ao sujeito *ele* marca uma breve pausa. Creio que se não se verificar este tipo de entoação e pausa a frase é inaceitável ou, pelo menos, marginal. Veja-se:

(i) ??/*Ele é um escritor qualquer.

¹⁵ Agramatical, obviamente, na interpretação pretendida. É discutível a estipulação de que o modificador *qualquer* não pode ocorrer neste contexto. Vejam-se, por exemplo, as seguintes frases: *o Paulo esteve a falar com um escritorzeco qualquer*; *o Paulo esteve a falar com um idiota qualquer*. Penso, todavia, que não temos aqui ocorrências do modificador *qualquer*, mas sim do operador de identificação vaga homónimo.

existencial quer como um modificador de tipo adjectival (embora, nalguns casos, uma das interpretações possa ser menos natural que a outra). Observem-se as frases que se seguem:

- (234) A Ana não dança com qualquer rapaz.
- (235) A Ana não se associaria a qualquer principiante.
- (236) A Ana não apoia qualquer candidato.
- (237) A Ana não leria qualquer livro do Marquês de Sade.
- (238) Se a Ana dançasse com qualquer rapaz, poderia ter problemas.
- (239) Se a Ana se associasse a qualquer principiante, iria à falência rapidamente.

A frase (234) - *a Ana não dança com qualquer rapaz* -, por exemplo, pode significar: (i) que a Ana não dança com um rapaz, a não ser que ele tenha características especiais (o que significa que ela poderá dançar com alguns rapazes, desde que eles tenham essas características especiais) ou (ii) que, pura e simplesmente, a Ana não dança com nenhum rapaz ("qualquer que ele seja", poderíamos acrescentar à frase para desambiguar). No primeiro caso, o operador é interpretado como um modificador de tipo adjectival; no segundo, como um operador de quantificação existencial sob o escopo da negação. Penso que, nesta frase, bem como na frase seguinte - (235) -, em que *qualquer* surge num SN precedido de preposição, a interpretação desta expressão como um modificador adjectival é preferencial. Já nos exemplos (236) e (237), em que *qualquer* surge num SN complemento directo, é a leitura em que esta expressão é analisada como um operador existencial que me parece a mais natural.

Penso que a presença de determinados valores temporo-aspectuais também pode determinar a preferência por uma das leituras. Veja-se, por exemplo, a frase que se segue, semelhante à frase ambígua (234), mas em que o uso de uma forma verbal de Pretérito Perfeito torna menos natural a interpretação da expressão *qualquer* como modificador.

- (240) A Ana não dançou com qualquer rapaz.
- (241) A Ana não está a dançar com qualquer rapaz.

A presença de factores de ordem pragmática também condiciona a preferência por uma das interpretações. Observe-se o seguinte par de frases:

- (242) A Ana não dorme em qualquer lugar.
- (243) Estes rapazes não falam com qualquer pessoa, visto que são mudos.

Em função do nosso conhecimento do mundo, podemos excluir a interpretação de *qualquer* como quantificador existencial (sob o escopo da negação) em (242), visto que não é plausível que não haja um único lugar em que a Ana durma, e a interpretação de *qualquer* como modificador em (243), visto que não é plausível que os mudos falem com quem quer que seja.

Penso que igualmente por razões de ordem pragmática interpretaremos mais naturalmente o operador *qualquer* da primeira frase de cada um dos dois pares que se seguem como modificador e o da segunda frase de cada um desses mesmos pares como quantificador existencial (sob o escopo da negação).

- (244) Ana não dança com qualquer rapaz que lhe peça.
- (245) Ana não dança com qualquer rapaz que seja mal-educado.
- (246) A Ana não convidaria qualquer pessoa para os seus jantares de gala.
- (247) A Ana não faria qualquer comentário desagradável.

Por último, consideremos a ocorrência da expressão *qualquer* no mesmo tipo de contexto que temos estado a analisar (isto é, em SN's não predicativos de frases negativas e condicionais), mas em posição pós-nominal.

- (248) A Ana não dança com um rapaz qualquer.
- (249) A Ana não se associaria a um principiante qualquer.
- (250) Se a Ana dançasse com um rapaz qualquer, poderia ter problemas.
- (251) Se a Ana se associasse a um principiante qualquer, iria à falência rapidamente.

Importa salientar que estas frases em que a expressão *qualquer* surge em posição pós-nominal têm uma interpretação unívoca, sendo o operador *qualquer* interpretado invariavelmente como um modificador de tipo adjectival (pelo que as frases são equivalentes às estruturas em que *qualquer* surge em posição pré-nominal, numa das suas interpretações).

Penso que o operador *any* do inglês não pode ocorrer como modificador adjectival numa tão grande diversidade de contextos como o operador português *qualquer*. Todavia, alguns dicionários registam abonações em que *any* (precedido geralmente da expressão *just*) tem um valor que se aproxima daquele que foi analisado nesta secção. Vejam-se os seguintes dois exemplos do *Longman Dictionary of Contemporary English* (onde se refere precisamente que "*any* means "ordinary" as compared with "special""):

- (252) This isn't any ordinary fish. (= It's special fish.)
- (253) We don't accept just any students. (=We accept only good students.)

8. CONCLUSÃO

Creio que a descrição e análise feitas neste trabalho evidenciaram a complexidade da caracterização semântica da expressão *qualquer* no português. A multiplicidade de valores, alguns dos quais de difícil tradução formal, a sensibilidade à presença de valores tempor-

-aspectuais, de modo e de polaridade e a interferência de diversos factores de natureza pragmática são alguns dos aspectos que estão na origem dessa complexidade.

Penso que o contributo do presente trabalho reside essencialmente na proposta de criação de uma tipologia de valores - que pode eventualmente vir a ser enriquecida, visto que existem alguns usos da expressão que é difícil enquadrar nas classes propostas -, na definição de contextos em que o operador pode assumir cada um desses valores (seguindo, em muitos casos, análises de outros autores) e na proposta de tratamento formal de alguns dos valores assumidos, como o que designámos de modificação nula (considerando que o operador denota a função de identidade de conjuntos para conjuntos e bloqueia a modificação da expressão nominal com que se combina). Foram, no entanto, muitos os aspectos da semântica do operador *qualquer* que ficaram por analisar, como se referiu na nota prévia e como, aliás, se depreende das descrições efectuadas ao longo do trabalho, em que frequentemente se referiram problemas em aberto.

REFERÊNCIAS

- BARWISE, J. e R. Cooper (1981), "Generalized Quantifiers and Natural Language", *Linguistics and Philosophy*, 4, pp. 159-219
- CARLSON, G.N. (1980), "Polarity any is existential", *Linguistic Inquiry*, 11.4, pp. 799-804
- CARLSON, G.N. (1981), "Distribution of free-choice *any*", in R.A. Hendrik, C.S. Masck e M.F. Miller (orgs.), *Papers from the Seventeenth Regional Meeting, C.L.S., Apr 30 - May 1, 1981*, CLS, Chicago
- DAVISON, A. (1980), "*Any* as universal or existential", in Johan van der Auwera (ed.), *The Semantics of Determiners*, Croom Helm, London / University Park Press, Baltimore
- GOLDSMITH, J. e E. Woisetschlaeger (1980), "The semantics of positive *any*", in *Cahiers Linguistiques d'Ottawa. 1980.9*
- HORN, L. R. (1972), *On the Semantic Properties of Logical Operators in English*, UCLA, Dissertação de PhD, IULC, Bloomington, Indiana
- LADUSAW, W. A. (1980), *Polarity Sensitivity as Inherent Scope Relation*, IULC, Bloomington, Indiana
- LINEBARGER, M. C. (1981), *The Grammar of Negative Polarity*, IULC, Bloomington, Indiana

- LOPES, A. C. (1992), *Texto Proverbial português. Elementos para uma Análise Semântica e Pragmática*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra
- NOVAIS, M. C. (1992), "Aspectos da Referência Massiva", *Cadernos de Semântica*, 6, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- PERES, J. A. (1987), *Para uma Semântica Formal da Quantificação Nominal Não-Massiva*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa
- PERES, J. A. (1992), "Questões de Semântica Nominal", *Cadernos de Semântica*, 1, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- VENDLER, Z. (1962), "Any and all", in P. Edwards (org.), *Encyclopedia of Philosophy*, vol. 1, MacMillan, New York
- VENDLER, Z. (1967), *Linguistics in Philosophy*, Cornell University Press, Ithaca, New York